

a chama

ANO XXXIX . JUNHO 2012 . Nº 82 . APM DO COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO

**VER O DIFERENTE NO
MESMO: A SABEDORIA
DO PROJETO PEDAGÓGICO**



O DIFERENTE NO MESMO

A recente exposição de fotografias de Pe. Lauro no hall principal de nossa Escola mobilizou a comunidade vicentina. Ocorre que, num movimento rotineiro, apressados pelas exigências diárias, nem sempre conseguimos ver ou entender o que ocorria naquele espaço. Em seus primeiros dias, quebrando a rotina, ela chamava a nossa atenção pela beleza, plasticidade e, acima de tudo, pelo inusitado. Rapidamente, as imagens transformam-se em “paisagem”. É o “mesmo” congelando nossa percepção, cegando nosso olhar para o diferente.

Ocorre que o dono do CLIQUE, olhando por cima das paralisias do dia a dia, consegue novas imagens nos espaços considerados esgotados. E é aí que mora o conhecimento: A VIDA É UM GRANDE ESPETÁCULO e receber o novo exige quebra de paradigmas, ocasião em que somos brindados pelas sutilezas do diferente e pelas melodias do silêncio com suas pedagogias transformadoras.

O olhar atento de nossas Crianças mirando o recorte momentâneo e estático de uma foto, na capa desta edição, aponta para os múltiplos movimentos da caminhada exploratória em busca do diferente. Neste caleidoscópio vivencial, as imagens brotam a cada piscar e a emoção se estabelece quando figura & fundo se confundem na construção do saber.

Este quebra-cabeça de milhares de fotos de um mesmo lugar – O CARAÇA – que, somadas, jamais congelam a multiplicidade e riqueza dessa realidade, tem similaridade com a construção do Projeto Político-Pedagógico de nossa Escola. Desde sua origem, o “mesmo” sentido de educar é registrado pelo CLICAR das múltiplas equipes pedagógicas, à procura de novos ângulos e diferen-

tes modos de conhecer o GRANDE ESPETÁCULO da formação dos Alunos e definir as melhores relações com cada um deles. Esta construção coletiva das subjetividades, na estrada das transformações sociais, exige coragem para quebrar os imobilismos, determinação para fugir do conforto das conquistas pontuais e, acima de tudo, vontade de manter o foco na multiplicidade. Não é um caminho tranquilo quando, acostumados a VER O MESMO, ficamos surpreendidos com o OLHAR DIFERENTE que questiona nossas verdades. Neste mundo repleto de fotos e imagens de nossos Filhos a construção da parceria Escola-Família faz toda a diferença na adequação de nossos olhares no que tange a melhor formação para todos os Alunos. Tudo é processo. As imagens de um “mesmo” Caraça, tão bem retratado na multiplicidade dos registros do Pe. Lauro, iluminam os olhares atentos de nossa criança nessa dialética efêmera de um instante qualquer. A atenção está na mudança. O desafio é perceber suas sutilezas e brindar as transformações do crescimento coletivo de uma educação compartilhada.

O detalhe da pena do penacho da cabeça do PAVÃO extrapola a própria foto e nos tira do lugar comum, quando conseguimos perceber que a foto e o penacho são meras referências para um olhar interno e reflexivo dessa ARQUEOLOGIA DO OLHAR, que possibilita a construção compartilhada do Projeto Político-Pedagógico do Colégio São Vicente de Paulo.

Boa leitura e curta o diferente da mesma REVISTA CHAMA que se apresenta repleta de novidades.

Fernando Potsch

a chama

Revista editada pela Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo

Ano XXXIX N° 82
Junho/ 2012

Rua Cosme Velho, 241 - Cosme Velho - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22241-125
Telefone: (21) 3235-2900 e-mail: csvp@csvp.g12.br

Supervisão Editorial: Pe. Lauro Palú, Fernando Potsth

Redação: Rodrigo Prestes e Rosa Lima

Revisão: Pe. Lauro Palú

Projeto gráfico: Christina Barcellos

Ilustração: Marina Barrocas

Fotos: arquivo CSV, Gilberto de Carvalho, Christina Barcellos e Pe. Lauro Palú

Secretário da APM e da Redação: Edevino Panizzi

Distribuição interna e venda proibida

Tiragem: 2 mil exemplares

Jornalista Responsável: Rosa Lima - Mtb: 18640/RJ

DIRETORIA DA APM

Presidentes: Fernando Potsch C. e Silva e Simone Pestana da Silva

Vice-Presidente: Margarida Nascimento

Relações Públicas: Flávio Altoé de Moura e Verônica Moura

Secretários: Daniel Estill e Adriana Rieche Estill

Tesoureiros: Neuza Miklos e Natália França Ourique

Conselho Fiscal: Pedro Paulo Petersen, Patrícia Guttman, Carlos Miller, Frances Vivian Corrêa, Rodrigo Lacerda Soares e Sergei Beserra

Representantes dos Professores: Gerson Vellaco Junior e

Valéria Soares Baptista

Moderadores: Padre Lauro Palú e Padre Eduardo dos Santos

2	AÇÃO PEDAGÓGICA	As sucessões no São Vicente
4	GRÊMIO	Estopim Grêmios de 2012 - os eleitos
8	COMO SE FAZ	A importância do engajamento político-social O novo sistema de avaliação
11	APM	Os projetos da APM
12	AÇÃO PASTORAL	Fraternidade e Saúde Pública
14	FÓRUM	Quando os filhos começam a andar sozinhos, como os pais reagem?
16	CAPA	Caraça: herança e tarefa
21	PERFIL	Maurício Krause
22	EX-ALUNOS	Jovens que fazem Direito
24	ENTREVISTA	Artur Mota - O cenógrafo da aprendizagem
28	NOTAS	
31	HOMENAGEM	Marlene Bluhm
32	CARTAS	

As sucessões no São Vicente

Inovar na área pedagógica sempre foi uma característica do São Vicente. Mas para que este movimento de inovação aconteça, uma renovação profissional se faz necessária de tempos em tempos. É o que está ocorrendo desde o ano passado, e mais fortemente este ano no Colégio. A entrada de Arthur Mota na Coordenação Pedagógica do Ensino Médio (que você pode acompanhar mais de perto na seção Entrevista desta edição da revista), a ida de Hércio para a Coordenação Pedagógica do 6º ao 8º ano do Ensino Fundamental, e a de Irmão Adriano para a Coordenação da Educação de Jovens

Médio, que o São Vicente abriu no ano passado, e agora o trabalho seria muito maior. Como o Ensino Fundamental tem sido universalizado no Brasil, ou seja, de acordo com o governo, praticamente 100% dos jovens em idade escolar estão matriculados, vem caindo ano a ano a quantidade de Alunos interessados no Ensino Fundamental da EJA. Até ano passado tínhamos uma média de 180 Alunos inscritos, mas, este ano, resolvi tentar um novo tipo de abordagem de divulgação para atrair mais Alunos: publicamos chamadas em jornais regionais como o Destak e o Metro, e conversamos com uma ONG que trabalha

A tarefa não é pequena, mas Irmão Adriano se dedica em tempo integral para cumpri-la. Este ano, a EJA de Ensino Médio já está com duas turmas, com mais de 50 matriculados no total. Numa pedagogia implantada há oito anos por Hércio, que coordenou a EJA de Ensino Fundamental nesse longo período, todo semestre é escolhido um tema gerador e, a partir dele, os Professores desenvolvem projetos em suas respectivas disciplinas. O tema está sempre ligado à Campanha da Fraternidade, que este ano é Fraternidade e Saúde Pública.

“Nós abrimos sempre com uma palestra apresentando o tema que será trabalhado ao longo do ano. No Ensino Fundamental, o projeto desenvolvido este ano se chama *Felissáide*. Foi a forma que encontramos de falar sobre um tema tão delicado como a saúde, para uma população que sofre notavelmente com o mau

atendimento desse serviço público. Fizemos perguntas-tema para cada turma, como “Por que sou feliz com minha família? Por que sou feliz estudando, ajudando? Etc., e, a partir daí, desenvolvemos uma reflexão sobre como cada um pode tornar o ambiente à sua volta – seja na família, no trabalho ou em diversas relações pessoais – mais feliz e mais saudável.”

Esse chamado “tema gerador” é trabalhado interdisciplinarmente e cada Professor é convidado a dialogar com todos os outros para que os conteúdos não sejam repetidos nas diferentes disciplinas. Isto porque a carga horária da EJA é menor do que a do Ensino Médio regular, para que o tempo total do curso seja mais vantajoso para os matriculados.

Temas geradores no Ensino Fundamental regular

Aproveitando sua bem sucedida experiência de nove anos coordenando o Ensino Fundamental da EJA, Hércio, que, desde o início do ano, divide a Coordenação do 6º ao 8º ano do Ensino Fundamental regular com Solange, já começou a implantar a metodologia dos temas geradores no 8º ano. São as chamadas “perguntas que movem” e cada uma será desenvolvida em um trimestre.

“Na EJA, desde a implantação do projeto, sempre tive resultados muito positivos com esta metodologia. No 8º ano, estamos começando com estas três perguntas: O que é a verdade? O que move o mundo? E o que me move? No primeiro semestre, vamos discutir o tema à luz das ciências, do saber constituído, questionar com os Alunos se existem de fato verdades, etc. É uma pergunta-base. A partir daí, no segundo semestre, vamos questionar o que move o mundo. Será o dinheiro, o amor, o desejo, a libido? Queremos dar espaço para as reflexões dos Alunos. No terceiro trimestre, a última pergunta é uma espécie de síntese: se há

uma verdade ou não, se o que move o mundo é isto ou aquilo, o que me move?”, conta Hércio

A ideia é trazer a reflexão para o dia a dia.

“Pe. Lauro tem nos lembrado a característica de serviço aos Pobres que o São Vicente sempre teve, e que hoje parece estar diluída. Nós, os Alunos continuam chegando às Universidades com um discurso social que pode ser claramente identificado. Mas, muitas vezes, ficam só no discurso. Queremos reforçar a prática do engajamento social no Colégio, e para isto temos que questionar se nós, na condição de Equipe Pedagógica, estamos transparecendo e agindo a partir desses valores. No aniversário de 40 anos do São Vicente, o escritor Moacyr Góes publicou um artigo em O Globo em que ele dizia sobre o lema do Colégio “educando para a transformação social”: “Confirmo, dou testemunho”. Será que hoje, treze anos depois, ainda podemos dar este testemunho? É uma pergunta que temos que nos fazer, se quisermos continuar sendo fiéis a este lema, pelo qual o São Vicente ficou tão conhecido.”

Para Solange, que sai ao final do primeiro semestre para se aposentar, as sucessões são necessárias. “Depois de 43 anos de dedicação ao São Vicente, chegou a hora de eu descansar e me dedicar mais à minha família, aos meus netos. Saio tranquila sabendo que a Coordenação do 6º ao 8º ano do EF está em boas mãos, com uma pessoa tão capaz como o Hércio, que já foi Professor e Coordenador por tantos anos, na liderança. Ele já está fazendo um bom trabalho este semestre e sei que vai continuar assim nos próximos.”



IRMÃO ADRIANO, ARTHUR, SOLANGE E HÉRCIO: ASSUMINDO NOVAS FUNÇÕES MAS MANTENDO O COMPROMISSO COM O PROJETO PEDAGÓGICO DO COLÉGIO

e Adultos (EJA) do Ensino Fundamental, que agora passa a acumular com a EJA do Ensino Médio, são alguns exemplos.

Novidades no EJA

“Eu entendi como um desafio coordenar toda a EJA, já que eu já estava coordenando a parte do Ensino

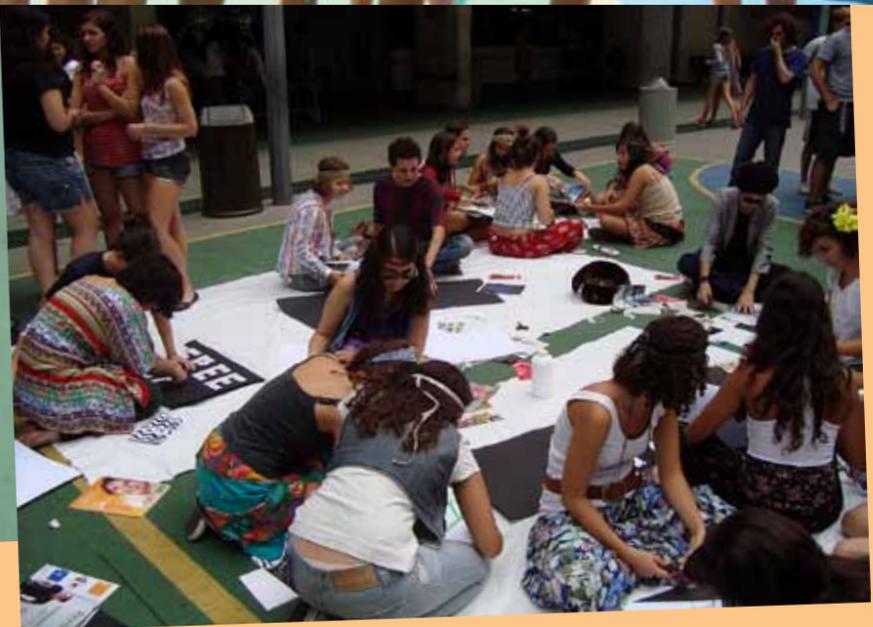
nesse meio e que se interessou em ajudar Alunos a se prepararem para entrar na EJA. É que, como muitos que vêm fazer a prova de nivelamento da EJA do São Vicente pararam de estudar há anos, acabam se qualificando para um ou mais anos abaixo da série em que pararam, e muitos desistem de cara”, conta Irmão Adriano.

“Queremos reforçar a prática do engajamento social no Colégio, e para isto temos que questionar se nós, na condição de Equipe Pedagógica, estamos transparecendo e agindo a partir desses valores.”

Hércio

ESTOPIIM

GRÊMIO



Grêmio poderia significar luta, mas acima disso é conquista. Fazer parte dele sempre será uma das coisas mais importantes das nossas vidas: aprendemos a ouvir e ser ouvidos e a respeitar a opinião do outro, por mais que seja totalmente oposta à nossa, e isto não só com respeito às relações Grêmio-Alunos, mas dentro do próprio Grêmio.

O fato de a nossa chapa ter inovado na quantidade de membros - antes seis e agora doze - certamente contribuiu para que nossos debates fossem mais ricos e os nossos projetos na escola mais agregadores. No início, alguns foram bastante contrários a esta ideia, mas hoje percebemos o quão importante foi.

Começamos nosso mandato convocando os Alunos a participarem de manifestações que estavam ocorrendo na época - como a passeata contra o aumento das passagens de ônibus - sempre os mantendo informados pelo perfil do Grêmio na rede social Facebook, com matérias a respeito do transporte público no Rio de Janeiro e textos avaliando os eventos.

Quando chegou a época da festa junina, também tentamos inovar. A nossa proposta foi a de atenuar a competitividade ferrenha que gerava problemas nos anos anteriores e tornar a festa junina, de novo, um ambiente, de fato, festivo e de competição saudável. As provas foram divertidas, o cordel projetado na parede e as faixas coloridas integraram a ambientação e, claro, a banda de forró proporcionou um ambiente de integração. Entre Alunos, ex-Alunos, amigos do CSVP e sobretudo Professores e Funcionários, a alegria era evidente.

Depois de nos recuperarmos da festa junina, foi hora de nos prepararmos para a organização do Sarau - que também queríamos trazer à tona, em contraste com anos anteriores. A proposta foi de um evento organizado pelos Alunos e para os Alunos e também para nossos convidados. Um espaço de liberdade de expressão e de descobrimento de novos talentos. As apresentações foram calorosas e incríveis, além de divertidas. Nada melhor do que poder se expressar livremente, sobretudo

em um ambiente acolhedor. Simultaneamente ao Sarau, aconteceu uma feira livre de escambo cuja ideia era simplesmente trocar CDs, roupas, livros e quaisquer outras velharias e curiosidades. No todo, o Sarau mais a feira geraram uma atmosfera de liberdade.

Ainda estimulando e exaltando a produção artística dos Alunos, organizamos um Concurso de Fotografia. Nessa empreitada, nos ajudaram os professores Rafael Doria (Artes) e Caucau Marçal (idem), que foram nossos jurados, juntamente com um júri popular. Felizmente, muitos Alunos participaram e posteriormente foi feita uma exposição com todas as fotos no próprio Colégio, um momento gratificante.

No dia 22 de agosto, que é o dia do Folclore, organizamos um pequeno evento no recreio, uma apresentação dignamente folclórica. O grupo convidado interpretou a história do Boi Bumbá não só para os Alunos do Ensino Médio, como para os do Ensino Fundamental, o que foi ótimo, uma vez que é importante voltar a acreditar e a sorrir como as crianças. Seguindo o modelo de Boal de que a plateia contém espectadores, a apresentação da Companhia de Encenações Musicais interagiu com todos e fez o boi ressuscitar, ao mesmo tempo em que captou a essência da cultura brasileira, misturando música, dança e artes visuais.

A proposta do Grêmio Estopim 2011 era de oferecer aos Alunos uma dimensão política, social e cultural integrada. Assim sendo, também conseguimos organizar no meio do ano um debate acompanhando os processos políticos com respeito ao Novo Código Florestal. Trouxemos para palestrar uma pessoa a favor (Alceu Magnani) e uma contra (Geraldo Lino), para equilibrar o debate, assim como toda discussão saudável. A palestra foi proveitosa para nos informarmos e posteriormente participarmos do processo político que acompanha a votação a respeito do Código. Agradecemos a participação dos Professores que nos ajudaram como via de informação, como a Professora Vera Bonfim (Português e Redação - 3º ano do EM) e Marlene Araújo (Português e Redação - 2º ano do EM), que propuseram redações acerca do tema,

e o Professor Alexandre Junqueira (Geografia - 2º e 3º anos do EM). Hoje, nós do Grêmio Estopim 2011, juntamente com a maioria dos Alunos e esses Professores, que somos contra o Novo Código Florestal, esperamos que a presidente Dilma o veto.

Ainda seguindo a linha política, outra das nossas propostas era aumentar o contato do nosso grêmio com os de outras escolas e DCEs (Diretório Central de Estudantes) de universidades. Rapidamente nos envolvemos com reuniões para debater sobre o novo Código Florestal e organizar um ato, que ocorreu com sucesso em Ipanema, interrompendo o trânsito e fazendo muito barulho. No início deste ano, fomos chamados a participar da Frente de Grêmios Livres, uma conquista que não ocorria há algum tempo. Trata-se de um grupo apartidário, no qual, junto a muitos grêmios de escolas cariocas, discutimos sobre a educação, a política e como integrar os estudantes. Já neste ano, a Frente de Grêmios Livres, junto com alguns Alunos do São Vicente e ex-integrantes do Grêmio estavam presentes na Marcha a Favor da Educação Pública (ou Marcha contra a Destruição das Escolas Públicas), manifestação que ocorreu na Candelária no dia 28 de março - data escolhida devido aos 44 anos da morte do estudante Edson Luís, que abalou a cidade do Rio de Janeiro durante a Ditadura Militar.

Virada de ano e o Grêmio continua firme e forte para fazer o possível no final de mandato. Graças ao Professor Frederico Lessa (Biologia 1º e 3º EM), cuja filha faz parte do PSOL, conseguimos marcar uma palestra com Marcelo Freixo, deputado do Estado do Rio de Janeiro e professor de História. O tema era a importância da participação do jovem, que anda tão desiludido com a política brasileira, como cidadão, nas eleições. Os Alunos e Professores saíram extremamente satisfeitos com a conversa proveitosa e chegamos até a marcar outro evento.

Incentivando o esporte, o Campeonato de Futebol Estopim deste ano seguiu a linha dos dois últimos, sendo organizado pelos Alunos, desde a formação dos gru-

pos, divulgação e sorteio dos times até desempenhar a função de juiz nas partidas. Além disso, contribuimos com o material para os juizes e com os troféus para campeão, artilheiro e melhor jogador. Devido à demanda feminina, foi feita a primeira edição do Campeonato Feminino de Futebol, contando com seis times e mais de trinta jogadoras.

Desde o início do mandato, já tínhamos em mente a forma como iríamos realizar a tão famosa Semana Cultural. Inovando já pelo tema: a Tropicália. Queríamos que fosse diferente dos anos anteriores, que os Alunos sássem instigados e com fome de cultura e não apenas felizes com os recreios de uma hora. Apostamos em filmes, palestras e oficinas com a ajuda de Professores e Funcionários no desenvolvimento das atividades para uma Semana efetivamente Cultural, mais do que temática.

Nossa intenção era que os Alunos entrassem na atmosfera dos anos 60 e 70, em que a juventude estava nas ruas e as artes no Brasil estavam transcendendo e sendo fortemente reprimidas pela Ditadura Militar. Na segunda-feira, o recreio foi animado pelas bandas *Zarapatéu*, com ritmos brasileiros (jongo, baião, coco, maracatu), e *Mequetrefe*, com improvisos à Jimi Hendrix e psicodelia, para representar a mistura antropofágica que artistas como Caetano e Gil propunham com o movimento. Depois da aula, houve a exibição do filme *Uma Noite em 67*.

Na terça-feira, o tema foi *Contexto histórico*, havendo oficina de pôsteres (inspirado em maio de 68 em Paris) e a distribuição do livreto informativo feito por Paulo Damásio, contendo textos de intelectuais e muitas fotos e cartazes de 1968, um ano cheio de transformações para muitos países —principalmente para a França (até hoje, maio de 1968 é conhecido no país como *maio francês*). Os Alunos vieram vestidos a caráter e depois da aula assistimos ao filme *Macunaíma*, com direito à palestra proveitosíssima do professor Rogerio Forti (Literatura), relacionando a tropicália ao modernismo.

No dia seguinte, o recreio foi animado pela oficina de parangolés, dada pela pro-



CECI PENIDO, DO GRÊMIO ESTOPIM 2011, DURANTE A OFICINA DE PARANGOLÉS DA SEMANA CULTURAL.

fessora Cacau, e pelos penetráveis, ambos criados por Helio Oiticica. Depois da aula, o ex-Aluno Ian Capillé deu uma palestra sobre o cinema marginal, após a exibição do filme *O Bandido da Luz Vermelha*.

Na quinta e na sexta-feira, a participação dos Alunos foi essencial para responder às perguntas do *Quiz Tropical* (que teve como vencedora Nikita Llerena, do 1º ano), apresentar-se no palco aberto - que contou com improvisos e músicas dos anos 60 e 70 - e confraternizar em um delicioso lanche coletivo com saladas de frutas feitas pela cantina. Além disso, reciclamos a ideia da feira de escambo que ocorreu em ambos os dias.

No último dia da Semana Cultural, que deveria ser o melhor, tivemos uma grande decepção. Devido à nossa falta de organização, que já vinha acontecendo há um tempo, o nosso palestrante convidado - o poeta Chacal - se retirou da escola antes que conseguíssemos um lugar para ele recitar alguns de seus poemas e falar sobre o período em que viveu e participou tão ativamente. Ficamos extremamente desapontados e depois da aula mandamos um e-mail para ele pedindo desculpas e mostrando o reconhecimento que tínhamos pelo seu trabalho. Foi mais um aprendizado que o Grêmio trouxe

para nossas vidas e com ele pretendemos melhorar sempre, já que nem tudo são flores. Apesar disso, o recreio não ficou vazio, pois o sebo Burity marcou presença, vendendo e sorteando livros sobre a tropicália para Alunos que quisessem se aprofundar mais.

Entre assembleias, discussões no Conselho Pedagógico, cartas à direção e muitas passadas em turmas, podemos tirar da experiência de participar do Grêmio infinitos aspectos positivos para a nossa formação, não só como Alunos, mas como reais agentes da transformação social. Aprendemos a nos colocar em um grupo e esperamos ter deixado para as próximas gerações vicentinas o espírito jovem que todo Aluno deve ter, mas também a seriedade para saber lidar com burocracias e problemas.

O que carregamos disso tudo é um amor imenso por todos os que participaram do nosso lado, nos incentivando e abrindo portas para o nosso futuro. Esperamos ter contribuído para fazer da escola um local de liberdade de expressão e uma segunda casa para os que dela cuidam, como nós.

Ceci Penido (3ºA)
e **Bruna Elia** (ex-Aluna e estudante de História na UFF)

Grêmios de 2012 os eleitos

GRECO

Concorreram 2 chapas:
Estopim 2.0 e Chapa 2

Chapa vencedora – **Estopim 2.0**

Administração – **Afonso C. Teixeira** – 3º B
Cultura – **Carolina Gomes** – 3º C
Social – **Nina Sá** – 2º C
Esporte – **Tiago Lubiana** – 2º A
Comunicação – **Gregório Carnevalle** – 2º A
Política – **Felipe Bianchi** – 3º C



GREGI

Concorreram 3 chapas:
Chapa Jato, Curte Aí e Chapa . com

Chapa vencedora – **Chapa . com**

Administração – **Clarissa Mello** – T. 804
Cultura – **Gabriel Alves Rosa** – T. 604
Social – **Giovanna Franklin** – T. 804
Esporte – **Beatriz Souza Pequeno** – T. 704
Comunicação – **Anna Carolina Paraguassu** – T. 704
Política – **Maria Clara Soares da Paixão** – T. 804



MINIGRÊMIO

Concorreram 4 chapas:
Perdendo a Linha, Sem Limites, Vai Esquentar e Picante

Chapa vencedora – **Perdendo a Linha**

Presidente – **Jeferson Fernandes Filho** – T. 504
Vice-Presidente – **Flávio Rangel Arêas** – T.504
Secretário – **Pedro Soares Bettim** – T. 504
Tesoureiro – **Lorenzo Conde Janequine** – T. 504
Ajudante – **Pedro Henrique F. de Oliveira** – T. 403



A importância do engajamento político-social



CONVIDADO PELO GRECO, O DEPUTADO ESTADUAL MARCELO FREIXO FALOU PARA OS ALUNOS DA 2ª E 3ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

“O Rio de Janeiro é, proporcionalmente, uma das cidades com menor número de jovens eleitores do Brasil. E para aqueles que estão roubando no poder público, isso é ótimo. Precisamos construir um caminho para mudar isso, debater sobre a participação política nas redes sociais, conversar sobre a importância do voto. Temos que entender que o futuro da nossa cidade e do nosso país depende da nossa participação”.

O apelo contundente foi feito pelo deputado estadual do PSOL, Marcelo Freixo, convidado a falar para os Alunos da 2ª e 3ª série do Ensino Médio do Colégio São Vicente de Paulo, na manhã do dia 24 de abril.

Marcelo elogiou a iniciativa do Colégio – segundo ele rara – de liberar os Alunos para o debate e agradeceu o convite. Professor de história por muitos anos, em 2010 Freixo foi obrigado a parar de dar aulas, por conta das constantes ameaças de morte por parte de integrantes das milícias do Rio de Janeiro, e hoje só frequenta o ambiente escolar para dar palestras.

Falando um pouco de sua própria experiência, também respondeu a questões sobre as UPPs, os grandes eventos que acontecerão no Rio de Janeiro, e a Comissão Parlamentar de Inquérito das milícias, por ele presidida em 2008.

“A minha entrada na vida política aconteceu sem que eu me desse conta. Eu morava no Fonseca, na periferia de Niterói, e, como até hoje acontece nas periferias, quase não tínhamos aparelhos culturais por lá. Eu tinha, então, 17 anos, quando um grupo de amigos me chamou para juntos pensarmos o bairro e assim formamos o movimento Comunitário do Fonseca. Essa foi minha primeira experiência de pensar o coletivo”, conta Marcelo.

“Na época – meados dos anos 1980 –, só havia um campo de futebol no Fonseca, que ficava dentro de um presídio, e todo domingo eu ia com meus amigos jogar bola lá. Nós alugávamos o campo e o time que perdesse pagava. O juiz era sempre um preso, de modo que ninguém discordava dele. Eu não tinha noção do que estava vivendo na época. Anos depois, já formado em economia, eu fui fazer faculdade de história. Um dia, na faculdade, vi um

cartaz dizendo que precisavam de professores para dar aulas de graça num presídio – era um projeto popular de educação organizado por uma agente prisional que era socióloga. Eu fui o primeiro professor a entrar no projeto. Algumas celas desativadas do presídio foram transformadas em salas de aula. Aos poucos, fomos pedindo em colégios e conseguimos algumas carteiras, giz, quadro, etc. Eu fiquei anos dando aulas em presídios e aquilo transformou a minha vida. Foi ali que eu virei, de fato, um militante dos direitos humanos.”

Um cenário desolador

Para Marcelo Freixo, que entrou para a política em 2006 como deputado estadual, o cenário hoje no Rio de Janeiro é “complicado”. Eleita pelo Ministério Público a pior cidade em atendimento do Sistema Único de Saúde (SUS), o Rio vive, além disso, uma crise de transportes de massa. Com um metrô completamente saturado, o governo ainda insiste em aumentar a linha 1 – uma obra que, segundo especialistas, superlotará ainda mais o sistema, e que sairá muito mais cara que o projeto original, de fazer a linha 4 para a Barra da Tijuca. Isso porque, para aumentar a linha 1, não é preciso fazer nova licitação, explicou o deputado. Assim, em meio a um mar de corrupção, os cidadãos – sobretudo os jovens – sentem-se cada vez menos estimulados a participar da vida política.

Interrogado sobre a situação das milícias hoje, Marcelo revelou um quadro desalentador. Segundo ele, de 2008, quando se instituiu a CPI, para cá, as milícias quase dobraram de tamanho – as 170 áreas do Rio então ocupadas se transformaram em mais de 300, apesar das mais de 600 prisões de milicianos, dentre as quais 7 foram de vereadores e uma de um deputado estadual. Isso porque, apesar de grande parte da cúpula das

milícias estar na cadeia, o sistema continua montado e a arrecadação de dinheiro ainda é altíssima e diária. Ele lembra que apenas uma das milícias então investigadas recebia mais de R\$ 170 mil por dia só com o sistema ilegal de vans que controlava. Isto sem contar as vendas de botijões de gás, cobranças de “gato” NET e extorsões de moradores, entre outras fontes de renda para esses grupos criminosos.

“As milícias não são extintas porque sustentam o poder público. Através delas, muitos vereadores, deputados, e mesmo prefeitos e governadores são eleitos. Mas existe outro roubo gigantesco que está sendo feito na nossa frente e que está ligado aos grandes eventos que o Rio sediará nos próximos anos. Em 2007, o estádio do Maracanã foi reformado, com um custo de aproximadamente 300 milhões de reais, para os Jogos Pan-Americanos. Em 2010, tudo foi posto abaixo para uma nova reforma para a Copa do Mundo. Foram 300 milhões de reais jogados no lixo. O custo previsto para a nova obra foi de 705 milhões, mas hoje ele já pas-

sou de 1,2 bilhão de reais, num consórcio que envolve a Delta Construções, que, como todos sabemos, está sendo investigada criminalmente em todo o país.”

“O Brasil, e em especial o Rio de Janeiro, se transformou em um grande palco de negócios, no qual os interesses de grandes empresas são atendidos e o bem estar da população é esquecido. De que outra forma pode-se explicar que apenas 25% do território de nossa cidade tenha saneamento básico e que os lugares que mais precisam de Unidades de Polícia Pacificadora, como a Zona Norte e a Baixada Fluminense, fiquem entregues a índices altíssimos de violência, provocados sobretudo pelas milícias? O que nós vivemos hoje é uma cultura da alienação e da criminalização da pobreza. Enquanto a maior parte da população do Rio de Janeiro sofre em uma realidade duríssima, outra parte significativa está em shoppings, comprando desenfreadamente sem olhar à sua volta. Cabe a nós decidirmos se vamos cooperar com esse quadro ou tentar convertê-lo”, concluiu.



PROFESSOR DE HISTÓRIA, FREIXO ELOGIOU A INICIATIVA DO COLÉGIO E DOS INTEGRANTES DO GRÊMIO COM OS QUAIS POSOU PARA A FOTO AO LADO.

O novo sistema de avaliação

"AULÃO" INTERDISCIPLINAR DE HISTÓRIA, LITERATURA, ARTES E GEOGRAFIA PARA O 9º ANO, COM A PROFESSORA CACAU.

Não é de hoje que o São Vicente se preocupa com a qualidade de seu sistema de avaliação. Há dois anos, detectando que o sistema de recuperação de então privilegiava os Alunos que não tinham atingido a média, resolveu mudar. Na época, a nota tirada no sistema de recuperação substituíva a média do trimestre. Com a mudança, ela passou a somar com essa e a ser dividida por dois, formando uma nova média.

Entretanto, ainda acontecia que muitos Alunos se permitiam não estudar durante o trimestre, sabendo que na recuperação poderiam se sair melhor do que os que se esforçavam no dia a dia, pois ficavam com mais tempo para estudar. Com o sistema atual, a presença diária dos Alunos e seus esforços ao longo de todo o ano estão sendo mais valorizados.

“Foram estes os motivos que nos levaram a fazer essas mudanças. Até ano passado, os três trimestres tinham o mesmo peso, e nós observamos que isso prejudicava principalmente os bons Alunos, que chegavam ao terceiro trimestre já com a nota mínima para finalizar o ano e, se não abandonavam o terceiro trimestre, ao menos se dedicavam bem menos a ele”, conta Nina da

Cunha, Coordenadora Acadêmica do Colégio.

Algumas simulações foram feitas para a adoção do novo sistema de notas. Uma das propostas era a de pesos progressivos, começando o primeiro trimestre com peso um, seguido por pesos dois e três, respectivamente. Entretanto, chegou-se à conclusão de que esse sistema seria pesado para os Alunos com real dificuldade, além de desvalorizar excessivamente o primeiro trimestre.

“Acabamos optando pelo sistema de pesos 1, 2, 2, ou seja, o primeiro trimestre é mais leve, já que os Alunos estão se familiarizando com a nova série, e os dois outros trimestres ganham peso dobrado. Nas simulações que fizemos, este foi o sistema que melhor se encaixou com a nossa proposta, pois corrige o problema que tínhamos sem prejudicar os Alunos com dificuldades reais”, diz Nina.

Nina também conta como algumas questões surgiram quando o novo sistema estava sendo pensado, como: por que não aumentar a média da escola para 7,0, por exemplo?. Ela lembra, no entanto, que muitos colégios que utilizam média 7,0 não têm o nível de cobrança em compreensão, interpretação e outras habilidades tão

exigente como o São Vicente. Ou, às vezes, têm um nível de cobrança alto durante o trimestre, mas permite que esse nível caia muito na recuperação, para passar os Alunos.

“O Colégio tem um padrão de cobrança alto, e se aumentássemos de um dia para o outro a média, isso traria mais problemas que soluções”, argumenta.

Outra mudança importante nos 9º ano do EF e 1ª e 2ª séries do EM são as Avaliações Integradas. Essas avaliações são feitas por áreas das quais as disciplinas fazem parte, como Linguagens, Ciências Exatas e Ciências Humanas. O objetivo é preparar os Alunos para um mundo cada vez mais interdisciplinar, e, mais objetivamente, para a forma como as provas dos vestibulares e do ENEM vêm sendo produzidas.

“Este é o primeiro ano desses projetos. As Avaliações Integradas até foram testadas ano passado no 9º ano, mas sem valer nota. Então, em 2012 vamos observar esses sistemas para ver se estamos alcançando nossos objetivos. São mudanças grandes e que precisam ser avaliadas. O sistema de avaliação é um processo sempre em estudo e, se preciso, deve ser revisto”, finalizou.

Os projetos da APM

Cada Família, ao pagar as mensalidades, contribui, com um percentual pequeno, para a Associação de Pais e Mestres, que pode, assim, prestigiar, apoiar e manter projetos significativos em favor da Comunidade Educativa do Colégio São Vicente.

Nas nossas Revistas, sempre aparecem os frutos desta prática. Há projetos mais visíveis, como o apoio ao Teatro, para suas montagens, cenário, música, figurino, algum aparelho técnico especializado. Há os *shows* dos Corais, com suas coreografias, sua iluminação, também seus figurinos e os músicos que abrilhantam solos e certos temas. Há um apoio discretíssimo, mas muito eficaz, que dura anos, praticamente desde o início do Colégio, para a Associação Internacional de Caridades (AIC), no seu núcleo do Colégio: São Mães de Alunos e ex-Alunos, pessoas ligadas aos projetos sociais do Colégio, que se reúnem cada semana, preparando enxovais para gestantes de várias comunidades pobres, cujas Famílias são ajudadas mensalmente com cestas básicas, remédios, obtenção de documentos, visitas domiciliares, etc. Tanto as Voluntárias da AIC como a APM surgiram imediatamente após o começo do Colégio e marcaram sua história.

Há uma ajuda ainda mais escondida, essa jamais comentada, mas tremendamente necessária e por isso mesmo feita com a discrição evangélica, quando uma Família se vê em dificuldades especiais para manter alguma Criança na nossa Escola, por doenças e mortes na Família, e o Diretor do Colégio encaminha um pedido de ajuda. Os próprios Alunos não sabem quem os ajuda, os Diretores da APM não sabem quem foi ajudado; o certo é que se cumpre aquilo do Evangelho, de a mão direita não saber o que a esquerda está fazendo. Ninguém é discriminado, ninguém se sente humilhado por precisar de ajuda, ninguém se sente superior por ter podido ajudar.

As contribuições da APM são tão diversificadas quanto nosso universo de interesses:

- Patrocinam um curso de corte e cos-

tura, que ajuda pessoas de comunidades carentes, nossas próprias Alunas ou alguma de nossas Mães.

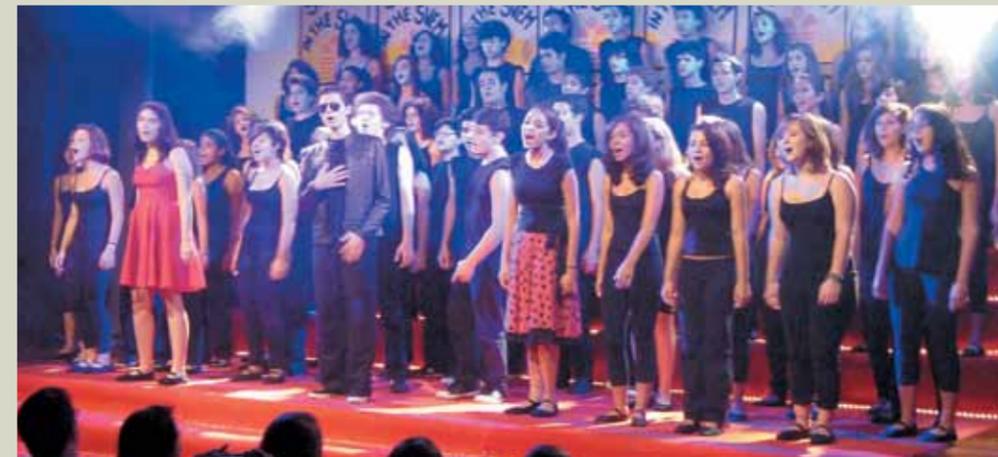
- Colaboram na manutenção e renovação do acervo da Bibliotecas e do Audiovisual, reforçando especialmente a Ciranda de Livros.

- Apoiam as Olimpíadas, os Jogos Vicentinos, patrocinando os pagamentos das arbitragens oficiais, das medalhas das premiações, de uniformes, etc.

- Os brindes dados às Mães e aos Pais, aquelas simpáticas lembranças, nas respectivas festas, em maio e agosto, foram comprados, às

metida com duas obras de porte: a) a implantação de tecnologia informática em todas as salas de aula e b) a criação e manutenção do arquivo histórico do Colégio. Disto falaremos nas próximas edições.

A lista enorme destas realizações justificada de modo muito concreto o apoio integral que a Direção do Colégio sempre deu à Associação de Pais e Mestres, cujos membros são voluntários que não recebem nenhum reembolso por sua dedicação, sua presença, sua animação de tantos setores de nossas atividades. E aí eles colaboram ainda mais,



O CORAL DO ENSINO MÉDIO, APOIADO PELA APM E REGIDO POR PATRÍCIA COSTA, APRESENTOU-SE NA COMEMORAÇÃO DOS 53 ANOS DO COLÉGIO, COM O ESPETÁCULO *SINGING IN THE SVEM*.

vezes, em projetos mantidos pela APM, como os potes de mel vindos das cooperativas que ajudou a fundar e desenvolver entre apicultores da Bahia, numa das missões dos Padres Vicentinos, um dos projetos sociais do Colégio.

- Nesta mesma edição se menciona a festa para os do 3º ano de 2011, que tiveram um churrasco promovido pela APM, como meio de mantê-los unidos ao Colégio, na esperança de se ativar a Associação de Ex-Alunos.

- Um dos grandes projetos da APM é esta Revista, cuja divulgação leva pelo Brasil e pelo mundo a vitalidade extraordinária do Colégio São Vicente e suas conquistas diárias.

- Em relação ao passado já histórico do Colégio e a seu futuro, a APM está compro-

na Feira da Qualidade de Vida, na Feira das Linguagens, no Domingão Vicentino, nas Festas Juninas, no Natal dos Professores e Funcionários, na realização semanal do Conselho Pedagógico, na ajuda eficiente cada vez que lhes é pedida uma assessoria, uma presença, uma representação.

Esta página, evidentemente, não foi escrita por um membro da Diretoria da APM nem pelo seu Secretário executivo, mas por mim, como sinal e prova de gratidão muito consciente e adulta. E vai acompanhada de uma oração a Deus para que nos dê sempre esses colaboradores devotados e muitos outros Pais ou Responsáveis que os apoiem.

Pe. Lauro Palú, C. M.

Fraternidade e Saúde Pública

Estamos numa sociedade doente e faz bem a Campanha da Fraternidade deste ano em falar da saúde pública. Mas...Por onde começar?

Mais do que nunca, achei que este tema da fraternidade e da saúde deveria começar em nossa Casa. Se zelarmos pelo nosso ambiente de convivência e de trabalho, se formos capazes de sentir como o ambiente nos condiciona e mesmo é capaz de nos determinar se não temos consciência ativa e crítica de nossas circunstâncias, teremos condições de extrapolar, de sair deste ambiente, destes muros, e considerar a realidade, os problemas, as necessidades da sociedade em que vivemos, violentada, sofrida, injusta e injustiçada, procurando despertar nossos Alunos e Alunas e suas Famílias para o que nos parece necessário fazer, na linha da Campanha da Fraternidade, cujo primeiro objetivo específico diz literalmente: "Disseminar o conceito de bem viver e sensibilizar para a prática de hábitos de vida saudável".

Somos Professores, Educadores e Formadores. Vamos trabalhar com valores. Valor

pessoal, como a vergonha na cara, o brio, o cumprimento do próprio dever, o capricho no fazer suas coisas, o gosto de ser bom, a vontade de ser alguém, o não querer ser massa, carneiro, geleia, maria-vai-com-as-outras, para ser eu mesmo. E valores coletivos e sociais, como a honestidade, a solidariedade, a lealdade, a entreajuda, o compromisso, o respeito à palavra dada, a colaboração nas monitorias, o companheirismo nos jogos coletivos, o respeito aos diferentes, a aceitação das diferenças, não se prestar a ser castrador de *nerds* e de quem quer ser aplicado e digno.

Para isso, temos que incomodar nossos Alunos e Alunas, estimulá-los a tomarem consciência dos problemas que nos afligem socialmente, mesmo que individualmente eu não seja afetado por nenhuma dessas tragédias. Temos que questionar nossos Alunos e Alunas que ficam vendo as baixarias do Big Brother, assimilando aqueles comportamentos, passivamente, espelhando-se naqueles "modelos" impingidos industrialmente e ain-

da chamados de heróis, aspirando ser como eles... O mesmo em relação às novelas, também cheias de contravalores e maus exemplos. E ser coerentes, não sendo os primeiros a ficar vendo esses programas infames.

Num texto sobre a vida comunitária que devemos levar na Congregação, o Pe. Maloney, nosso antigo Superior Geral, enfocou cinco aspectos ou momentos aos quais sugere que demos especial atenção, para conseguirmos viver no que chamou de "ecossistema saudável": as refeições, a oração, o descanso, as reuniões e o apostolado. Acho esse texto sumamente útil para nós neste Colégio São Vicente, na medida em que somos uma comunidade educativa grande, variada, experiente, esperançosa, vitoriosa, necessitada, muitas vezes problemática, dividida, cansada, mas capaz de regenerar-se e de superar seus momentos difíceis, imprevistos, decepcionantes ou frustrantes. Somos uma comunidade que tem base suficiente para organizar-se e progredir, para vencer suas limitações e traçar rumos seguros e gratificantes.

Como viver saudável e sobreviver numa sociedade doente?

Esta tem sido uma de minhas maiores preocupações, nos dois últimos anos. Já me perguntei como podemos formar nossos Alunos e Alunas para a vida, para a seriedade,

para o trabalho, para um mundo competitivo e exigente, que forçosamente vai exigir de cada um uma boa dose de sacrifícios, dedicação, constância e colaboração, quando olham para os nossos políticos e o que veem é o descalabro que conhecemos, lamentamos, aguentamos e deixamos continuar acontecendo.

Acomodar-nos frente aos absurdos da vida pública no Brasil provocará danos imensos, incensuráveis, no futuro de nosso País. Se isso repercute no modo de agir de nossos Alunos e Alunas, acaba repercutindo gravissimamente sobre nossas tarefas e nossas condições de trabalho, porque estaremos cada vez mais estressados, desmotivados, impotentes, revoltados, sem podermos fazer nada, se concordarmos com essa onda de individualismo, com essa negação do bem comum, com essa ideia do cada um por si e Deus contra... Então, contra todo tipo de simplismo ou atitude simplória ou contra todo tipo de simplificação, para defendermos nossa saúde pessoal e nossas condições coletivas de existência humana, precisamos trabalhar com nossos Alunos e Alunas, com suas Famílias, com nossos Colegas, para que nossa Comunidade Educativa se caracterize por tomar posições e assumir atitudes decididamente cidadãs, não compactuando com a sem-vergonhice, não nos acomodando ao marasmo, não querendo sumir na geleia geral...

Nosso trabalho será criar com os Alunos condições de se formarem atentos aos outros, abertos ao social, preocupados com o bem comum, engajados nas causas da justiça e da dignidade humana.

Para isso, importam duas coisas: Primeiro, que nós, pessoalmente, nos sintamos implicados nessa sociedade, incomodados com o que ocorre à nossa volta, responsabilizando-nos também pelo que acontece ao redor de nós, e nos sintamos absolutamente incapazes de concordar passivamente com tudo isso, que pensemos constantemente no que podemos e devemos fazer, aproveitando nossa missão

de formadores, responsáveis pelo que se pode desenvolver no coração e na consciência de nossos milheiros de Alunos e Alunas, e que sejamos, como um tempo se caracterizaram os Professores e Professoras do São Vicente, cidadãos conscientes, seriamente politizados, participantes, engajados nas causas sociais.

Em segundo lugar, que aproveitemos todas as nossas oportunidades para criar, com os Alunos e Alunas, as condições de crescerem na consciência social, no engajamento político-cidadão responsável, dentro da idade de cada um, das opções de suas Famílias, dos espaços que podemos criar na Escola e ao nosso redor. Penso, por exemplo, em ciclos de palestras e debates, promovidos pelos Professores de áreas candentes, como a História, a Geografia, a Sociologia, a Filosofia, a Formação Religiosa ou as Línguas; penso nas exposições que podemos fazer, trazer ou levar a ver, com os vários problemas que nos afligem no estado, no país, no mundo; penso nos livros e revistas que mandamos ler, nos filmes que usamos ou indicamos, nos programas de televisão, debates e análises, noticiários, o que for, que procuremos e indiquemos como momentos de formação de uma consciência cidadã, atenta, antenada, engajada.

Devemos continuar a pedir a parceria da Família com a Escola: nestes últimos anos, temos pedido insistentemente às Famílias que estabeleçam conosco uma parceria constante. Isto significa estimular a presença deles, sua participação, as contribuições dos Pais ou Responsáveis.

Fraternidade e saúde, sim, mas a começar do nosso ambiente de trabalho no Colégio. Um ambiente sadio nos conserva saudáveis e felizes. Queremos e merecemos viver com saúde mental e física. Por isso, falo aqui de coisas que estão ao nosso alcance e vão ser nossa tarefa, nossa missão, ao longo deste ano. É um desafio da sociedade para nós. É a esperança da sociedade, das Famílias, dos nossos Alunos e Alunas. É minha tarefa, é nossa missão.

Pe. Lauro Palú, C. M.



"CUIDANDO PELA VIDA" MARIA CAROLINA RIBEIRO - 1ºD



"UMA BELEZA" JOANA LEAL JACOBINA - 1ºD



"EMOÇÕES" GIULIA MELO - 1ºD

NO DIA 5 DE MAIO, SOB A ORIENTAÇÃO DA PROFESSORA DE ARTES CACAU, FOI APRESENTADO NO SÃO VICENTE O TRABALHO "NA SAÚDE E NA DOENÇA - OBSERVAÇÕES POÉTICAS", QUE CONTOU COM O APOIO DA BIBLIOTECA DO COLÉGIO PARA SER REALIZADO. OS ALUNOS DO CURSO DE ARTES PLÁSTICAS DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO TIVERAM COMO PROPOSTA SELECIONAR UMA FOTOGRAFIA QUE TROUXESSE ALGUMA IDEIA EM TORNO DA RELAÇÃO SAÚDE/DOENÇA. DENTRE OS LIVROS DE FOTOGRAFIA DA BIBLIOTECA E ALGUMAS FOTOS RETIRADAS DA INTERNET, CADA UM ESCOLHEU SUA FOTO COMO PONTO DE PARTIDA PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA IMAGEM POÉTICA QUE TRADUZISSE ALGUM ASPECTO DO TEMA DA CAMPANHA DA FRATERNIDADE DE 2012. FORAM UTILIZADOS MATERIAIS, SOLUÇÕES ESTÉTICAS E CRIATIVAS A PARTIR DE SUAS AFINIDADES E DA BUSCA DE UM CAMINHO POÉTICO PESSOAL, DENTRO DA DISCURSÃO: OBSERVAÇÃO, REPRODUÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DO REAL.

Quando os filhos começam a andar sozinhos, como os pais reagem?



A partir de que momento se deve dar mais liberdade aos filhos, sem permitir que se exponham a

riscos? Com que idade eles precisam começar a ter mais responsabilidades? Qual o limite entre preocupação com segurança e superproteção? Estas e outras questões foram discutidas no Colégio São Vicente de Paulo, na quinta-feira, dia 26 de abril, num fórum que reuniu um pequeno grupo com representantes dos Alunos, dos Pais e dos Coordenadores do Colégio.

Vítor Miranda, Aluno da turma 2º A, contou que começou a andar sozinho, na verdade, por uma iniciativa da mãe. “Eu fazia um curso perto de casa e com 10 anos minha mãe ainda me levava. Um dia ela ficou atrás de mim e disse: finge que você está sozinho, e eu fui como que sozinho aquela vez. Depois voltei sozinho mesmo, e daí pra frente ela parou de me levar.”

Para Patrícia Rubin, psicóloga do Colégio, a distância a ser percorrida, as ruas que o jovem terá que atravessar, o ônibus que terá que pegar, tudo

isso deve ser pensado. Muita conversa com os filhos e sobretudo uma lógica são essenciais. “Muitas vezes, quando a criança começa a frequentar a escola, os pais vem dizer que a escola tem que ser uma continuação da casa – o que é um engano. A escola nunca foi nem nunca será uma continuação da casa. A escola é uma ruptura com a proteção da casa. Daí as escolas que trabalham com crianças pequenas fazerem uma adaptação. Tem que haver todo um processo, um encaminhamento. E quando eu digo que dever haver lógica, é que,

“Coragem, confiança e acompanhamento são algumas palavras-chave. E saber que a criança corre risco mesmo, não tem jeito”.

Liliane Santos

por exemplo, não há nenhuma lógica em uma menina de 13 anos que mora do lado da escola ter que ser trazida e levada pela empregada. Isso não é entendido pelo jovem como cuidado, mas como falta de confiança, como se ela não fosse capaz de se conduzir por 50 metros”, conta.

Patrícia diz que esse tipo de comportamento superprotetor pode acabar gerando uma questão de baixa autoestima para o jovem. Mais uma vez, para ela, a conversa é a chave. “Muitos pais dizem só ‘porque eu quero, eu acho’, etc. Isso não funciona, gera revolta, raiva. Tudo tem que ser conversado e tem que ter explicação: essa rua é escura, é muito deserta, etc. Porque aí, por mais que o jovem não goste, ele entende.”

Rosane Christino, mãe da Aluna Maitê, da turma 903, diz que, no começo, sempre é uma dúvida quando começar a deixar o filho andar sozinho e como fazer isso.

“A gente teve uma demanda da nossa filha de sair mais. E nós pensamos: vamos por etapas. Primeiro ela pode ir até à casa da amiga, que fica a 200 metros da nossa casa. Depois de um tempo, a gente deixou um pouco mais. Para alguns lugares ela vai sozinha, mas ainda volta acompanhada. E isso com 14 anos”, revela.

“Na verdade há vários fatores que vão influenciar nessas decisões: a questão da localização, onde você está, se é vazio, se é uma rua mais escura, se é uma rua bem iluminada, e assim por diante; a distância que você

vai percorrer; o horário – durante o dia tem mais movimento, mas vai começando a escurecer e o movimento diminui bastante; se vai andar de ônibus, etc. Cada dia a coisa está ficando mais complicada na cidade. No mundo, de uma forma geral, mas em especial na cidade grande”, opinou Miguel Christino, pai da Maitê.

A Coordenadora Liliane Santos fez um paralelo dessa fase com os primeiros passos de uma criança: “Quando um bebê começa a andar sozinho, com alguns meses, ele e a família têm que passar pela insegurança de achar que o bebê vai cair, vai se machucar. Mas é um ato de coragem, de confiança. E, ao mesmo tempo em que a gente tem que deixar andar, tem também que acompanhar. Isso que a mãe do Vítor fez, muitos pais fazem, de falar para o filho ir sozinho, mas ficar observando. Então, coragem, confiança e acompanhamento são algumas palavras-chave. E saber que a criança corre risco mesmo, não tem jeito.”

Responsabilidade e confiança

Para Liliane, a construção da autonomia não é um processo fácil, pois requer responsabilidade por parte do jovem e confiança nessa responsabilidade por parte de seus pais. É uma construção que precisa ser feita desde pequeno. E no momento em que há uma quebra, ela precisa ser refeita. Uma negociação constante é necessária.

“O crescimento tem fases. Tem



REUNIDOS NA SALA DO CONSELHO, O ALUNO VÍTOR MIRANDA, A COORDENADORA LILIANE SANTOS, A PSICÓLOGA PATRÍCIA RUBIN...

“Tudo tem que ser conversado e tem que ter explicação: essa rua é escura, é muito deserta, etc. Porque aí, por mais que o jovem não goste, ele entende.”

Patrícia Rubin

essa fase dos 10 anos, de começar a andar sozinho, depois lá para os 15 anos tem outra fase, a de começar a sair sozinho na noite. E aí tem a questão: até onde os pais podem controlar de verdade? Porque se a confiança foi dada para sair, você tem que confiar que o seu filho vai saber se comportar

... E O CASAL MIGUEL E ROSANE CHRISTINO, PAIS DE MAITÉ, DA T.903



na noite, vai saber voltar para casa em segurança. A adolescência é uma época de desafiar a autoridade mesmo. É normal da idade o jovem não achar que um risco é de fato um risco. Mas é aquele chavão: quem ama, cuida. Na fala, existe investimento. Quando você para de falar, você não está investindo mais”, acrescentou Patrícia.

Miguel comentou que o comportamento de transgressão não tem a ver apenas com a idade, mas com uma forma de ver o mundo. “Muitos adultos também entram nessa. O cara acha que ele é o malandro, ele é o cara que sabe tudo e não vai acontecer com ele. “O outro deu de cara num poste, porque estava sem cinto de segurança, mas comigo não vai acontecer, porque eu sou malandro.” Só que todo mundo acha que não vai acontecer, e com muitos acaba acontecendo. Então, a autoconfiança em excesso acaba detonando as condições de segurança. E há consequência que é irreversível.”

Para Vítor, o autoritarismo é um erro. “Quando a gente vê que nossos pais estão fazendo aquilo por carinho, porque estão preocupados com a nossa segurança, isso funciona diferente do autoritarismo. A gente percebe logo quando é falta de confiança, quando é carinho, quando é superproteção.” Como tudo nas relações humanas, a medida é dada pela percepção e pela atenção. Há que se apurá-las. Sempre!

CARAÇA: HERANÇA E TAREFA

Dedico esta exposição à esperança de quem lutou contra o fogo em setembro de 2011, para salvar o patrimônio natural do Caraça e aos que o apoiam em sua missão e seus projetos.

Rio de Janeiro, maio de 2012
Pe. Lauro Palú, C. M.

“Cada vez que exponho minhas fotos, eu me pergunto: ‘Vou mostrar tudo isto, por quê?’ Sei que não é por vaidade, mas pelo gosto de mostrar como o mundo de Deus é bonito e como no Caraça se concentram tantas coisas surpreendentes”. Assim Pe. Lauro Palú justificou a motivação que o levou a expor no Colégio São Vicente de Paulo sua mais recente mostra de fotografias do santuário do Caraça.

Ao todo foram expostas 158 fotos em tamanho A4 e 31 pôsteres de 65 cm x 50 cm – a maioria feita entre setembro do ano passado e janeiro deste ano, acompanhados de 38 pequenos textos explicando cada conjunto de fotos ou cada tema. “Em setembro, foi especialmente doloroso ver de longe, incapazes de qualquer ação, os incêndios que devastavam quilômetros de mata e de campos rupestres. Águas milagrosas chegaram nas costas dos voluntários, na força dos aviões e helicópteros e na chuva. A chuva nunca foi tão linda!”, lembrou Pe. Lauro.

A exposição durou dois meses, de março até 21 de maio, quando seguiu para exibição no Caraça. “Ela foi visitada por amigos de fora e pelo nosso pessoal do Colégio, Pais e Mães que vêm pegar os Filhos, gente que soube das fotos e veio ver e “até” pelos nossos Alunos...”, brincou Pe. Lauro. Veja nesta e nas próximas páginas uma amostra do que foi exibido no Colégio e os textos do Pe. Lauro correspondentes a cada tema.

A CARAÇA

A serra portentosa é paisagem inesquecível. Vista do meio dos Pinheiros, impressiona pela majestade do cenário, pela harmonia do mundo (quem dorme, velado pelas nuvens, coberto pelo azul; o mundo em volta, confiado, pacificado, tranquilo; o passado, sereno, deitado junto ali como um cachorrinho de estimação; o futuro, mais adiante, despreocupado e ressonando também). Golpeia-nos a fantasia, pelo inesperado e pelo fantástico tamanho.

Os pinheiros parecem naturais, espalhados como estão, sem ordem, no campo e no cerrado. Os esquilos previdentes, os pássaros gulosos e distraídos se encarregaram de esconder sementes no chão (brotou outro pinheirinho!) ou num oco do pinheiro (nasceu outro pinheiro no pinheiro, como se vê na foto).

Quando levo um grupo, distraio a atenção, até que a montanha se revele inteira (neste ângulo dos Pinheiros), para então mostrar a magnificência. E me surpreendo com a quantidade de gente que não consegue ver o perfil mágico... nem se me inclino para mostrar como é a silhueta extraordinária.

Os historiadores e algum imaginoso disseram que a ideia inicial era construir aqui em frente a casa do Caraça. E eu me imagino, cada manhã, acordar com esta paisagem na frente da cara, ouvindo os ventos e os canários nas grimpas dos pinheiros. Seria bom demais!



AS CHEIAS NOS TABUÕES

Ali havia uma ponte de grandes tábuas, os tabuões. Não é uma região alagadiça, cheia de taboas. *Tabuões*, podem corrigir no folheto dos visitantes e no *site*. Pois é uma região muito especial. Começa por o rio ser criptorreico, daqueles que correm escondidos; no caso, corre debaixo da montanha, em dois ou mais trechos misteriosos. Nos grandes funis onde o rio mergulha na montanha, as galerias têm sua capacidade de pedra, que não incha ou desincha conforme a quantidade de águas. Então, quando chove como no final de 2011 e no início deste ano, toda a chuva que caiu pacientemente (irritantemente) ao longo de 45 dias sem parar, chuvinha não chuvona, começa a escorrer de todo lado, engrossa os fios de água, aumenta os corquinhos, empurra mais fortes as cachoeiras, faz o rio subir nas margens, espriar-se e cobrir extensões inacreditáveis. Porque, como não passa tudo pelos funis, a represa funciona exata. E, de um lado e outro do asfalto, nessa porção mais problemática e funda do vale, formam-se dois lagos, depois se unem num só, quilométrico. Fotografei a subida das águas, a viagem do casal, o marido, a mulher e as malas, o táxi do outro lado, a chegada triunfal do nosso pão daquele dia, a baixada das águas, controlada nas pedras de nossas esperanças.

E eu, absolutamente indiferente àquilo tudo. Que se arranjem, se eu não puder nunca mais sair daqui!





O LOUVA-A-DEUS

Dele escreveu Guimarães Rosa: "Se o louva-a-deus se finge de bendito, ninguém se fie de sua tranquilização. Só às ocultas vezes, aliás, propõe-se como de fato é: maxiloso, carnvoroso, muito quadrúpede a seis, todo cibernético: é um dragão que vai ou não voar, vai matar e comer, é a fera em suave, o cabeça de guerreiro, blitzíssimo. De andas, sobre palanque, estendeu muito sua pernas no chão, erguidas as mãos, boxeador, apunhalante. Mas o louva-a-deus espia para trás. Quer é mesa posta. O louva-a-deus e a folhagem: indiscerníveis".

Está mesmo rezando, pedindo comida, ou agradecendo o comido? Está é falso, enganante?

Bicho como os outros, come os outros.

De mãos postas como um fariseu fingido? O bote já armado, escondendo as garras, como noiva que esconde as unhas. O bote é rápido e certo, a mandíbula é mecânica, frenética, minuciosa, trituradora. Um especialista requintado e refinado. Bom gosto, precisão cirúrgica, não é um carniceiro. É elegante, os espinhos em finas rendadas luvas postos, disfarçados.

Comparada com ele, a onça é suave, o leão é fidalgo, o urso é comedido e bem educado. Só faltava que esse aí fosse ateu. E, por cima, vegetariano.

* GUIMARÃES ROSA, João. Ave, Palavra. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1970, p. 242

FUNGOS DE TODA COR

Gosto de falar é cogumelo, que todo mundo conhece. Fungos muito conhecidos são os cogumelos, os mofos ou bolores e os fermentos. Os cogumelos são corpos de frutificação dos fungos basidiomicetos, em geral de tamanho grande, aqueles chapéus e outros tipos, bem conhecidos. Os fungos não têm clorofila. As paredes das células dos vegetais têm celulose; as dos fungos têm quitina. Não são verdes como as plantas e então se multiplicam em todas as cores. Trouxe alguns amarelos, azuis, roxos, pretos, vermelhos, alaranjados, brancos, castanhos, róseos, tirados das 2.837 fotos de fungos que tenho nos arquivos.

Meu sonho não são os cogumelos, sonho com outras coisas também muito bonitas. Mas quando os encontro, o gosto e o gozo é o mesmo dos sonhos mais lindos, de que a gente acorda rindo sozinho.

Os fungos têm papel importante na decomposição de organismos, no solo, nas madeiras, dentro de animais, plantas e mesmo outros fungos. Podem ser comidos diretamente muitos cogumelos e trufas; servem para fermentar a cerveja, os vinhos e alguns molhos; ajudam na medicina ou nos adoecimentos, como a penicilina ou os psicotrópicos... Curam ou adoecem pessoas e animais, plantas vivas e plantas mortas, até construções. Vivendo escondidos ou mostrando-se, assim bonitos... Mas quem faz quase tudo isso são os fungos microscópicos.



FLORES

Primeiro, expus 3 espécies de flores alvas, três belezas ingênuas, despreocupadas, tranquilas, donas de si. Cada uma sabe o que é, quanto vale, quanto é bonita, e assim fica no seu galho, às vezes só uma cachadazinha, às vezes a árvore inteira coberta de maravilhas. Olhando o jeito de cada uma, penso na imaginação do Criador e na variedade de polinizadores que Deus teve que inventar em seguida. As crianças perguntam: "O que que é menor que a boca da formiga?" Aqui têm que perguntar: "Qual é o bichinho que tem bico tão comprido que chegue ao fundo desses tubos brancos?" Os cientistas passam noites e noites ao lado das florações, esperando o passarinho, a mariposa, o morcego, sei lá, tantos polinizadores, e descobrem a mariposa de espiritromba imensa, que desenrola com gula, para chupar o líquido precioso, no fundo do cálice. O fatal é isto: se desaparecem certos insetos, nada mais fecunda essa planta e ela desaparece, se extingue para sempre. Já houve tantas assim...

Nas fotos acima, uma exclusividade do Brasil, a jabuticaba. A árvore, do chão ao topo, os galhos, em toda a sua volta, o raminho, com suas flores, depois a frutificação sem igual. Nas fotos, falta o zumbido nervoso das abelhas, sua azáfama, o cheiro de mel que está no ar, o cálculo do milhão de frutas que virá, a água correndo nos pés das plantas para arredondar cada fruta. Diga DELÍCIA, encostando a língua no céu da boca. Diga VIVA e estale a língua na boca!



TATURANAS

Um dos projetos bonitos do Caraça é acompanhar, desde que se encontram os ovos numa folha, numa parede, num vidro de janela, até nascer a borboleta, indo-se registrando todas as fases da vida avoadada dela.

São cinco fases, em geral, a partir do ovo, das primeiras larvinhas, depois bonitas taturanas sinuosas, em seguida imobilizadas tecendo seu casulo, vivendo e sonhando dentro dele e criando sua alma de borboleta, seu corpo de borboleta. Quando nascem, celebram seus rituais de amor e depositam seus ovos para o recomeço eterno dessa festa extraordinária que é a vida de uma borboleta, escrava da luz, senhora do ar, mimosa mensagem que vai de flor em flor contando perfumes, colhendo segredos, enfeitando os olhos da criança, do poeta, do sonhador, do noivo, do pai, do carteiro (quem me dera levar as cartas assim, os sedex assim, como quem vai indo de flor em flor, num caminho assim, leve, solto, sem pressas, sem cachorros mal-educados, sem colecionadores, sem passarinhos procaicos... acabei misturando os pensamentos do carteiro e da borboleta, que, aliás, dizem que nem pensa, não tem tempo, tão curto é seu tempinho, entre o nascer e o morrer, como o da gente, por mais que a gente disfarce)...

Mas tudo isto, só se formos capazes de olhar a taturana e vermos logo a borboleta voando, amando, leve, solta, uma criança feliz e despreocupada. Leve.

O LOBO-GUARÁ

Não é um bicho de intimidades. Pelo menos os do Caraça, que não foram criados na mamadeira e vivem no cerrado e caçam nos bosques sua caça diária.

Comem muito, o que servimos e sobras de comida (agora não se faz mais churrasco por todo lado). Conservam sua elegância, porque andam que não é vida, uns 30 quilômetros por dia ou por noite, só na caça. No namoro e no amor, caminham juntos, mas só nesses dias de calor. O resto do ano, caçam separados, na trilha, sentindo o cheiro e a passagem do outro, mas em direções opostas, ela vindo e ele indo. Se um for caçado e morto, o outro estará ali para os filhotes.

Acasalam-se em abril ou maio. Há uns quatro anos, se acasalaram dia 10 de março, na própria escadaria do santuário, sem que houvesse um único fotógrafo para registrar o evento. Depois de 62-65 dias de gestação, nascem os filhotes, em geral dois, às vezes um só ou logo três. Já tivemos até quatro, há poucos anos, dos quais um morreu atropelado em outubro, de cinco a seis meses. Nesse ano do atropelamento, traumatizados, parece, não se acasalaram os adultos, nem houve a expulsão dos outros machos ou fêmeas, pelo casal mais forte, mais valente, que vence as lutas e fica dominando o território.

O lobo vem sempre de noite, do escuro, exceto no verão, quando faz a alegria dos fotógrafos com a luz natural, não só com a luz que parece sair dele mesmo.



O LOBO-GUARÁ II

Tudo nele é elegante, as patas pretas, o pelo luzidio, as orelhas extremamente móveis, com que controla cada agitação e movimento nos arredores, o olhar sempre desassombrado, que não tem medo de nada, me parece.

Sobe a escada, olha a gente, vai comer, volta correndo ou fica em seguida, uma hora inteira, olhando a gente, triturando minucioso os ossos de frango, fuçando na bandeja à busca do que prefere, a carne branca do peito dos frangos, as gorduras das galinhas, a pele cheia de colesterol que as cozinheiras não fritam com as carnes e que são sua preferência declarada. Quando estão com filhotes entre três e seis meses, o macho e a fêmea comem muito, tragam quase inteira a comida e depois a regurgitam para os filhotes, que chamam latindo.

Andam solitários, dormem sobre capim que derrubam como colchão, perto de lugares onde corre água. Bebem água lambendo.

Fazem da gente o que querem, pois ficamos fascinados, siderados, diante da beleza deles, e se fazem esperar, horas e noites, vindo quando bem entendem.

Não teríamos coragem de ir comer no meio de um bando de lobos, como fazem conosco. O que os agita e enerva é a presença dos rivais, quando os machos disputam a fêmea e o território e as fêmeas, o macho e o território. Quando os filhotes estão pequenos, se esquecem da vida, comendo uma hora, calmissimos.

Maurício Krause

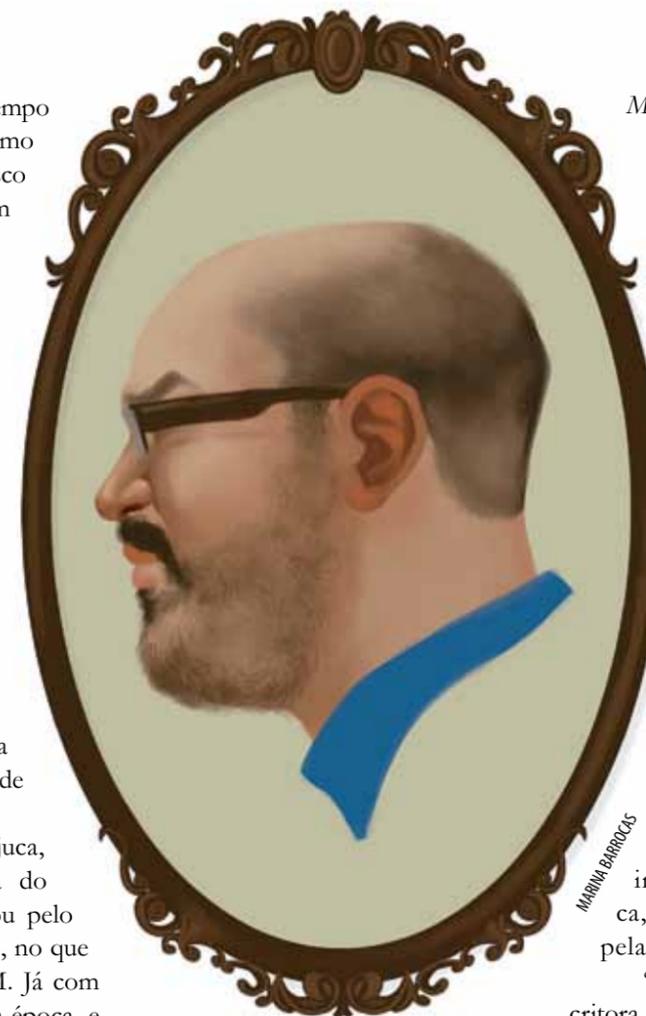
A porta se fecha e um silêncio recai sobre a sala. É a aula de Maurício Krause começando. Com o uso de piadas, narrativas envolvendo diferentes histórias e recursos de encenação teatral, o foco dos Alunos é mantido quase o tempo todo. É que, como ele mesmo diz, uma pesquisa da Unesco mostrou que o foco de um Aluno em sala de aula não passa de 15 minutos (e isso numa pesquisa de 15 anos atrás, hoje possivelmente esse número já diminuiu). Por isso, ele faz da utilização desses diversos recursos um método para trazer a concentração sempre de volta.

Maurício Krause conta que há anos percebeu que o método de embalar o conteúdo programático por meio de histórias era eficaz. Segundo ele, uma boa narrativa atrai a atenção de qualquer um.

Carioca nascido na Tijuca, o Professor de Literatura do Ensino Médio se interessou pelo magistério ainda no colégio, no que seria hoje a 3ª série do EM. Já com uma formação em teatro na época, e ator militante, resolveu cursar Geografia para ser Professor, mas acabou se decepcionando com o curso e mudando para Letras.

“Eu sabia que queria ser Professor, mas não sabia de quê. Meu bisavô, meu avô e meu pai foram todos Professores, e essa vontade despertou cedo dentro de mim, eu sentia que era uma vocação”, conta Maurício.

Ele, que começou a lecionar no Colégio São Vicente em 1995 a convite da Coordenadora Heloísa, diz que,



MARINA BARRICAS

mesmo com 20 anos de carreira, não existe coisa de que goste mais do que de dar aula. “O dia a dia pode ter um lado desgastante. Lidar com 40 adolescentes por hora demanda uma grande energia. Mas, como diz o Antônio Cícero num poema seu que foi musicado, “*nada machuca nem cansa*”. Nada disso tem o poder de sombrear o prazer de ver um olho brilhando ao receber algum conteúdo em sala”, diz.

Atualmente, o Professor está dando um curso extraclasse de Literatura Universal, no Colégio, junto com os Professores Mauro Braga, de Química, e Sávio Laterce, de Filosofia, um curso no qual obras como *O Médico e o Monstro*, *Romeu e Julieta*, *Morte em Veneza* e *A Metamorfose* estão sendo estudadas. A ideia é incentivar a leitura. “Nós não esperamos que os Alunos leiam cada uma dessas obras para as aulas, mas, depois da aula inaugural, os exemplares do primeiro livro a ser estudado desapareceram da biblioteca. Sem exceção.”

Mestre em Literatura Comparada pela UFRJ, com tese sobre a obra de Machado de Assis e tendo feito uma especialização em Literatura Portuguesa do século XX pela mesma instituição, o Professor Krause diz não estar mais interessado na área acadêmica, mas ter um gosto especial pela condição de Educador.

“Quando a professora e escritora chilena Gabriela Mistral veio ao Rio de Janeiro, fizeram uma entrevista com ela, na Academia Brasileira de Letras, e uma das perguntas era: o que é preciso para ser um bom Professor? Ela disse: “Em primeiro lugar, amar os Alunos; em segundo lugar, amar os Alunos; e em terceiro lugar, amar os Alunos”. Eu acredito nela. Um Educador não transmite apenas conteúdo, mas valores. E quando seu trabalho é feito com carinho, competência e dedicação, os Alunos sabem apreciar”, diz.



PABLO SALARINA



IZABEL RODRIGUES



JOÃO SODRÉ



JÚLIA BRAGA



PEDRO MACHADO



LUIISA BERNI

Jovens que fazem Direito

Dando continuidade à série de matérias sobre ex-Alunos do São Vicente por área de profissão, a revista A Chama decidiu neste número conversar com aqueles que escolheram a área do Direito. Por que resolveram ingressar no estudo das leis, quem os influenciou e o que pensam os Jovens Advogados Vicentinos?

A carreira da advocacia é uma carreira tradicional. Mas não para a família de Izabel Rodrigues Silva, de 19 anos, que hoje cursa o 2º período da Faculdade Nacional de Direito, da UFRJ. “Comecei a me interessar pela profissão no início do 3º ano no São Vicente, sem nenhum motivo específico. Serei a primeira graduada em Direito da minha família, não tive influência dela ao escolher essa carreira.”

Também foi o caso de João Sodré, de 23 anos. “Não tinha ideia de qual curso universitário poderia fazer e o

Direito passou a ser minha opção, devido aos meus interesses na área das humanidades. Minha família não teve influência alguma na minha escolha; na verdade, até ficou surpresa com ela. Venho de uma família de artistas e não havia nenhum advogado nela. Inclusive, brinco que para mim Direito não foi nada tradicional; foi uma opção exótica”, conta João, que se formou pela UFRJ no segundo semestre de 2011.

Atualmente advogado da área cível, João dá a medida da importância do Direito numa sociedade ao falar de sua relação com o sistema democrático no qual vivemos. Ele explica que num Estado democrático, as atividades de legislar, executar e julgar são exercidas de forma separada e limitada, podendo, inclusive, um poder limitar a atuação do outro. Diferentemente, em uma ditadura o poder é exercido sem qualquer restri-

ção, as normas não limitam a atuação do Estado e os direitos fundamentais são oficialmente desrespeitados.

“Os exemplos de violações de direitos fundamentais são extensos, e o papel do advogado, dos defensores públicos, do Ministério Público, dos juízes, etc., a fim de garantir a existência de um Estado democrático, é extremamente importante. Lembremos dos presos de forma injusta, das torturas que ocorrem nas delegacias Brasil afora, dentre outros exemplos. Seria muito interessante que jovens que valorizam esses direitos e que têm uma noção de humanidade ingressem nas carreiras jurídicas a fim de participar desse controle e desse processo de transição pelo qual ainda passamos”, diz.

Para Pedro Castilhos Machado, de 25 anos, o que o atraiu para a área foram as diversas possibilidades de

atuação, especialmente no campo empresarial, com o qual trabalha hoje. Para ele, o Direito é importante, pois ele está presente em todas as relações do nosso dia a dia, seja num problema que alguém possa ter com uma prestadora de serviço de tv por assinatura (e quer brigar no famoso Juizado Especial Cível – JEC), seja por causa da alta no preço da gasolina, por conta do aumento de algum tributo específico. “Acredito que hoje o Direito é essencial ao desenvolvimento das empresas brasileiras, as quais necessitam de uma assessoria jurídica de qualidade,” diz.

“Vivemos num país que vem crescendo consideravelmente, o que significa que há mais consumo, crescimento demográfico, maior número de projetos (obras de infraestrutura, por exemplo) sendo levados adiante pelo Estado e por empresas privadas, etc. Tudo isto faz com que um profissional da área seja muito necessário, lembrando que o advogado não atua só quando há conflito, mas também antes do conflito, ou seja, na elaboração de contratos”, acrescentou João Sodré.

Para Júlia de Castro Tavares Braga, formada em 2009 pela Escola de Direito da Fundação Getúlio Vargas, o desafio e a possibilidade de fazer a diferença foram os elementos-chave que a atraíram para o estudo das leis. “Cada dia somos obrigados a lidar com processos diferentes, clientes diferentes, com um questionamento inusitado de um cliente, ou mesmo a dar uma solução mirabolante para um caso super complexo. É muito estressante e há muita pressão envolvida, mas a sensação de ter conseguido resolver tudo vale a pena!”, conta.

Júlia também é da opinião de que o Direito é importante para saber lidar com as situações mais cotidianas, como, por exemplo, saber o que fazer para processar “aquela companhia aérea que extraviou as minhas bagagens”, ou entender os motivos (jurídicos/técnicos) que levaram à

legalização do aborto e das relações homoafetivas, etc. “Acho que faz com que você se sinta um cidadão melhor.”

“Também acrescentaria que nós, Vicentinos, que temos valores éticos e sociais muito fortes, ao optarmos pelo Direito, podemos contribuir para que toda essa transformação que está acontecendo hoje no Brasil se dê com a devida observância desses nossos princípios. Olhando para as carreiras públicas, esses princípios são ainda mais importantes. O Brasil tem um déficit de juízes enorme, o que significa que mais e mais pessoas entrarão para o Judiciário e serão responsáveis por julgamentos que afetarão as vidas de muitas pessoas. É mais do que essencial que esses julgadores sejam íntegros e tenham uma consciência social digna de um Vicentino”, completou João.

“Também acrescentaria que nós, Vicentinos, que temos valores éticos e sociais muito fortes, ao optarmos pelo Direito, podemos contribuir para que toda essa transformação que está acontecendo hoje no Brasil se dê com a devida observância desses nossos princípios.”

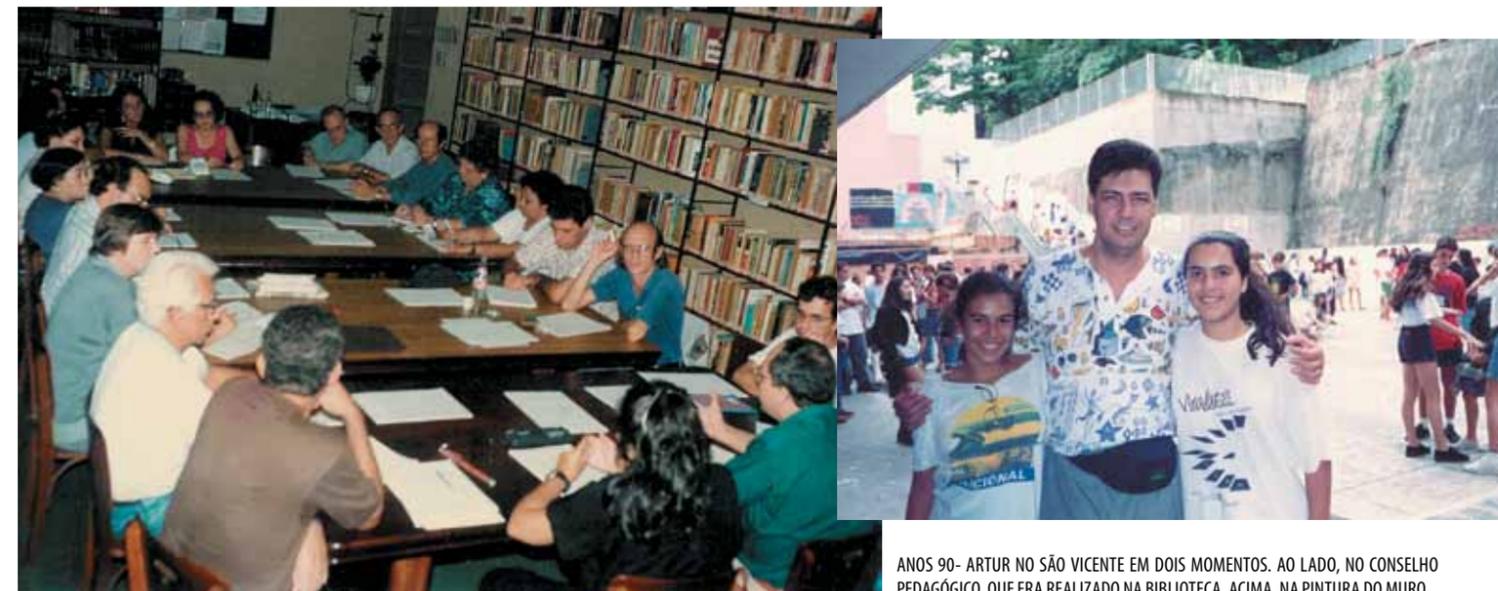
João Sodré

Um momento bom

Luíza Berni, formada em 2006 pela UERJ, diz que a advocacia no Rio de Janeiro vive um momento bom. Para ela, a carreira sempre foi e sempre será necessária; no entanto, a cidade vive uma expansão econômica e um crescimento imobiliário muito grandes. Ela explica que a taxa de desocupação de imóveis para locação está beirando o zero, e que, além disso, grandes empresas estatais estão eliminando terceirizações e contratando via concurso público, como prevê a Constituição de 1988. Tudo isso abre um enorme campo de trabalho para os profissionais da área.

Concursada da Eletrobrás, ela ainda pretende fazer prova para o cargo de juíza ou defensora pública. “Hoje, a maioria desses cargos já está preenchida, e os concursos que abrem em geral são para poucas vagas. Mas estas duas carreiras me atraem e eu ainda vou tentar. Juíza eu queria ser desde criança. E defensora pública tem a ver com algo que a gente aprende no São Vicente, de trabalho social, porque o defensor público é como que um advogado dos pobres.”

Pablo Salarina, formado pela UFRJ em 2005 e hoje com 30 anos, é da mesma opinião. Para ele, o mercado de trabalho da área é muito amplo, e inclui diversas possibilidades, independente de ser em cargo público, ou em atendimento às empresas. Há um ano funcionário do escritório Derraik & Menezes Advogados, ele diz que hoje muitas empresas estão adotando projetos de sustentabilidade ambiental e grandes obras de energia limpa estão sendo e em vias de serem construídas, como hidrelétricas, etc. “Para tudo isto é necessário uma assessoria jurídica, pois os conhecimentos necessários são muito detalhados. Na minha opinião, a advocacia é uma área que está sempre se renovando”, finalizou.



ANOS 90- ARTUR NO SÃO VICENTE EM DOIS MOMENTOS. AO LADO, NO CONSELHO PEDAGÓGICO, QUE ERA REALIZADO NA BIBLIOTECA. ACIMA, NA PINTURA DO MURO.

Artur Mota O cenógrafo da aprendizagem

Voltando ao São Vicente depois de três anos afastado, o atual Coordenador Pedagógico do Ensino Médio, Artur Mota, tem um *background* impressionante na área da educação. Com um mestrado em pedagogia e um doutorado especificamente na área de gestão pedagógica, e tendo proferido dezenas de palestras ao longo dos últimos 20 anos por todo o Brasil sobre educação, Artur volta hoje com uma experiência valiosa nas mãos. A revista “A Chama” resolveu conversar um pouquinho com esse gestor educacional para conhecer mais de perto sua experiência e a importância de sua função no processo de aprendizagem.

Você já trabalhou no Colégio São Vicente durante muitos anos antes de voltar no ano passado. Conte um pouco sobre esse seu primeiro contato com o São Vicente.

Em 1989, eu trabalhava no Colégio Marista São José, na Tijuca, e frequentava a Associação de Educação Católica do Rio de Janeiro. Lá, fiquei amigo do Hugo Paiva, que era Coordenador Acadêmico aqui no Colégio São Vicente de Paulo. Era um cara

muito legal, que participou das lutas políticas na época da ditadura militar, ajudou pessoas perseguidas a fugir e tinha uma visão bem interessante da educação. Foi ele, por exemplo, que criou o curso de Introdução às Ciências Humanas, com o qual eu mesmo trabalhei durante muitos anos aqui no São Vicente.

Ele me disse que estava procurando alguém com o meu perfil para trabalhar com ele na Coordenação Comunitária e também para dar aula de religião. No final desse ano, eu fui demitido do Colégio Marista, e vim conversar com o Pe. Almeida, que dirigia o Colégio então. Eu combinei com ele que poderia pegar o trabalho a partir de março de 1990, porque até lá eu estaria ocupado.

Então, você começou em 1990?

Sim, comecei como Professor de Religião e Coordenador Comunitário. Como Professor, trabalhava com os alunos a reflexão sobre o fenômeno religioso. Os cursos tinham títulos como: “Religião: ópio ou libertação?”, e nós procurávamos ter uma ampla visão desse fenômeno, fazendo visitas a centros budistas,

espíritas, de umbanda, etc., e discutindo a questão profundamente. Na parte da Coordenação, eu cuidava, basicamente, de todas as coisas que não eram diretamente ligadas à sala de aula. Comemorações do Colégio, viagens, contatos, compra de materiais, tudo o que você possa imaginar.

E isso durou até quando?

Até o ano de 1996 ou 1997, não me lembro bem. Eu sei que, com a Nova Lei de Diretrizes e Bases brasileira, o Pe. Almeida me pediu para elaborar um Projeto Pedagógico para o Colégio, já que até então o Colégio não tinha um, e a nova lei exigia.

O São Vicente não tinha um Projeto Pedagógico até 1997?

Para ser mais exato, até o ano 2000 o Colégio não tinha um Projeto Pedagógico, porque em 1997 a gente começou a desenhar esse projeto, mas só no ano 2000 ele foi definitivamente aprovado. Até então, o Colégio tinha uma filosofia, tinha valores com os quais trabalhava, e tinha o Regimento Escolar, que era tudo que a Lei de Diretrizes e Bases exigia.

Começamos, assim, um exausti-

vo trabalho que levaria mais de dois anos e que culminaria em 1999 em uma reunião na pousada Maria Cláudia, em São José do Vale do Rio Preto, na qual finalizamos o documento que seria o Projeto Pedagógico do Colégio São Vicente de Paulo. Nesse processo, tive que estudar e reestruturar o Regimento Escolar do São Vicente, redefinindo normas, sistemas de organização, de avaliação e até revendo a parte administrativa. Trezentas e vinte famílias vieram debater os princípios desse Projeto Pedagógico – e esse não é um número aproximado, nós ainda temos as assinaturas de todas elas. Os Professores, Funcionários e Alunos deram suas opiniões. Até um grupo de ex-Alunos contribuiu.

O documento foi finalizado em abril de 1999, mas em maio daquele ano o Pe. Almeida faleceu, e o Pe. Lauro, que assumiu em seguida, ao ler o documento final, preferiu reescrevê-lo, não alterando o conteúdo – que havia sido exaustivamente discutido – mas a forma do projeto. Assim, no ano 2000, o Colégio passou a ter oficialmente um Projeto Pedagógico.

E depois dessa tarefa hercúlea você voltou a dar aulas de religião e a fazer parte da Coordenação Comunitária?

Não, acabado esse período, fui convidado a compor a Coordenação Acadêmica, junto com a Nina, que até hoje permanece no cargo. Nós dividimos naturalmente o trabalho e eu fiquei cuidando da parte de legislação, conversas com sindicatos e da costura da parte pedagógica com a parte administrativa, enquanto a Nina ficou mais com a parte do dia a dia acadêmico do Colégio.

Eu li uma vez, em um livro do psicanalista José Ernesto Bologna, uma definição que me marcou. Ele dizia que os verdadeiros artistas na Escola são o Professor e o Aluno e que os outros profissionais trabalham para criar um ambiente perfeito para que o Ensino e o Aprendizado possam acontecer. O meu papel, então, na Escola, era o de cenógrafo. Eu cuidava das listas de compras de material, pensava nas condições da sala de aula, na pintura, na limpeza, nos equipamentos que seriam usados, todas essas coisas. O meu papel nessa época era, realmente, o de criar e manter o ambiente necessário para que o aprendizado acontecesse.

E até que ano você trabalhou como Coordenador Acadêmico?

Até o ano de 2007. No ano de 2006, eu fui convidado para a direção de uma escola que estava surgindo, a

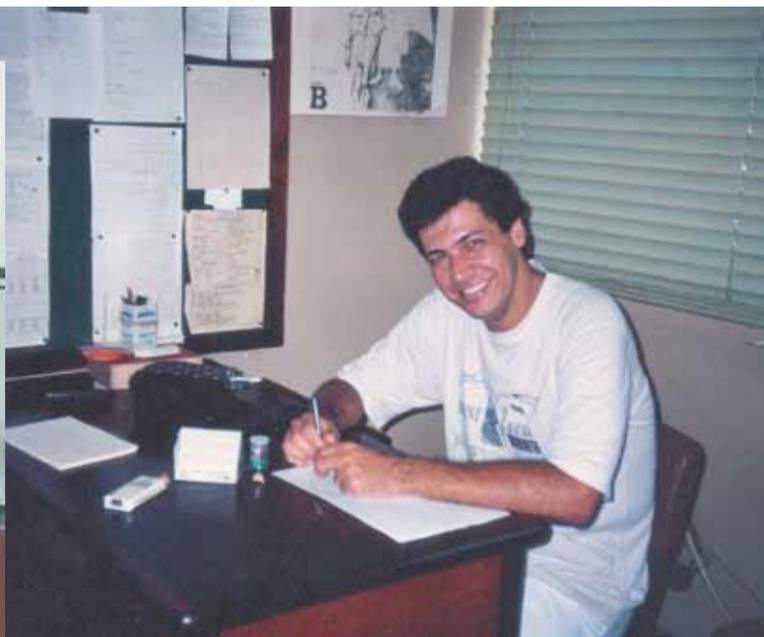
Escola Sesc de Ensino Médio – um projeto inovador de escola, no qual tanto os Alunos quanto a Equipe Pedagógica inteira passavam a morar na Escola, que dispunha de tecnologia de ponta acessível a todos. Para se ter uma ideia, cada Aluno lá tem seu *laptop*, que é usado em sala de aula, e todo o conteúdo das aulas é passado via *Bluetooth*. As salas todas contam com internet sem fio e *Data Show* para as apresentações dos Professores. Era um desafio, e eu topei. Conversei com o Pe. Lauro e ele me pediu para permanecer no São Vicente até o meio do ano de 2007. Como a Escola do Sesc ainda não estava pronta, esse foi um período para treinamento de pessoal. Eu fiquei lá até julho de 2010, quando saí. Daí eu fiquei um ano direto trabalhando só na empresa que eu tenho, fazendo palestras de educação, escrevendo livros, etc.

Isso foi até o ano passado, e aí você foi chamado de novo pelo São Vicente, certo?

Certo. Em agosto do ano passado, quando me apresentei para trabalhar de novo no São Vicente, o Pe. Lauro me convidou para a Coordenação Pedagógica do Ensino Médio, para trabalhar com a Christina Caldas até sua saída. Foi agora em 2012 que eu peguei sozinho o cargo. Sozinho



AO LADO, EM 1990, ARTUR COM A EQUIPE DA PRIMEIRA EUCARISTIA, ENTRE ELES PE. ALMEIDA AGACHADO À ESQUERDA. ACIMA, NA SALA DA COORDENAÇÃO COMUNITÁRIA, NO MESMO ANO.



em termos, porque é claro que também há a equipe com que trabalho: as orientadoras do SOE (Serviço de Orientação Educacional), Heloísa Carvalho, Eleonora Caldeira e Christina Vieira, que está de licença atualmente e sendo substituída pela Cordélia Maria. Sem contar o Sérgio e a Jacqueline, meus auxiliares de Coordenação.

Fale um pouco sobre a Coordenação em si. Qual é o seu compromisso aqui na parte pedagógica? Quais são as propostas?

Quando assumi o cargo, Pe. Lauro me pediu para estar atento a dois pontos. O primeiro é o clima de disciplina que devemos manter. Mas estou falando do significado original de disciplina. Em latim, disciplina vem de *discere* (aprender) e significa “condição de aprendizagem”. É dessa disciplina que estou falando. Um ambiente razoavelmente silencioso é uma condição de aprendizagem, a presença dos Alunos é outra condição, as roupas adequadas são outra, e assim por diante.

Esta questão de disciplina está diretamente relacionada com a questão da autoridade, que, voltando mais

uma vez ao latim, tem origem na palavra *angere*, que significa “fazer crescer”. A autoridade é essencial para criar essa “condição de aprendizagem” e, conseqüentemente, “fazer o Aluno crescer”. Este é um ponto.

O outro é o dos resultados acadêmicos. O ambiente de aprendizado trará resultados concretos, não só no vestibular, mas além dele. Não queremos aqui educar Alunos só para passarem no vestibular. Queremos educar para os estudos superiores, e para o mundo do trabalho e da cidadania. E para isso temos que trabalhar com cenários.

O que você quer dizer com isso?

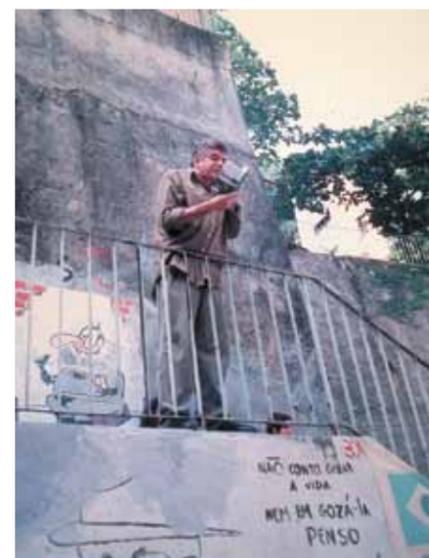
Nós estamos trabalhando com jovens, e por isso temos que pensar no futuro. Temos que pensar, por exemplo, como estará o mundo daqui a dez anos, que tipos de tecnologia existirão, como o mundo do trabalho funcionará, como as relações se darão etc. Como mostra um vídeo do Professor norte-americano Karl Fisch, que pode ser encontrado no *YouTube*, “**nós estamos preparando estudantes para empregos que ainda não existem, para usarem tecnologias que ainda não foram**

inventadas, para resolverem problemas que nós ainda não sabemos que são problemas”.

Estamos lidando aqui com a *provisoriedade* do conhecimento. A cada ano, o volume de informações gerado no mundo todo torna ultrapassados muitos conhecimentos estabelecidos. Portanto, não é o conhecimento o essencial aqui, mas a capacidade de buscar o conhecimento. É isso sobretudo o que queremos passar para os nossos Alunos. As habilidades de interpretação e de renovação constantes são o fundamental.

Mas isso também passa pelo vestibular, não é?

Sim, mas, novamente, este não é o pensamento principal. Noventa e nove por cento dos nossos Alunos passam para a Universidade, e há certas habilidades que são requeridas em qualquer faculdade. Este é nosso segundo pensamento. O primeiro é a formação para o mundo do trabalho e da cidadania, o segundo é a formação para a Universidade, já que a maioria segue este caminho. Hoje, cada vez mais é exigido dos Alunos em Universidades que leiam textos em inglês e em espanhol. Por



ACIMA, O RECITAL DE WALY SALOMÃO NA “SEMANA DE ARTE E FILOSOFIA” DE 98, PROMOVIDO POR ARTUR. AO LADO, COM MARINA E MARIANA, CANTANDO “SAMBA DE UMA NOTA SÓ”, NA MUSICAL EVENING, EM CAMBRIDGE.



isto, ambas as línguas têm ensino instrumental obrigatório aqui. A capacidade de interpretação também é muito importante numa Universidade e também damos especial atenção a ela aqui.

Mas, para entrar nessa Universidade, o vestibular é necessário. Aí, sim, trabalhamos com este terceiro pensamento. E para o vestibular, estudo e disciplina são necessários. Voltamos, então, à questão do ambiente para o aprendizado. Na verdade, tudo está ligado.

Mas que ações na prática estão sendo adotadas para dar conta desse desafio?

Não é uma ação específica, mas uma vigilância constante para produzir e manter esses valores dos quais nós falamos. E isso envolve muitas coisas. Por exemplo, nós notamos que na 3ª série do EM há muito um clima de despedida. Num dia os Alunos combinam de vir com os uniformes de quando eram pequenos, no outro assinam as camisetas uns dos outros, depois organizam a formatura. São muitas atividades que acabam tomando tempo de estudo e a gente teme que isso os acabe atrapalhan-

do, pois precisam concentrar-se mais nesta reta final. Para isto a gente conversa, alerta, mas é um trabalho feito no dia a dia e não uma ação isolada.

O Pe. Lauro insiste em que a gente trabalhe algumas ideias, das quais ele está sempre falando. A questão de valorizar a presença do Aluno que chega atrasado, não o deixando do lado de fora da sala, é uma. A questão de conscientizar os Alunos sobre a importância de não atrapalhar o espaço de estudo dos outros com barulho, ao invés de simplesmente punir o Aluno que fala em sala ou faz bagunça, é outra. E a questão de estimular os Alunos a estudarem, incentivando ao invés de criticar, é uma terceira. Essa é a visão que o São Vicente tem e aqui nós trabalhamos isto não só com os Alunos, mas com nossos Professores e Funcionários, de modo que todos possam estar sempre perseguindo estes valores.

Uma última pergunta. Por que educação? Ou: como você veio parar aqui?

Bom, estas são perguntas complexas. Mas eu posso resumir contando uma história.

Eu fui praticamente criado por

meu bisavô, morei com ele muito tempo. Não era culto, não era formado em nada, mas me ensinava o tempo todo. Ensinava-me a perguntar sobre tudo e a me encantar com as coisas. Tinha sido marinheiro e viajou pelo mundo inteiro. Participou da Revolta da Chibata. Para mim, ele era uma aula de história viva. E quando eu perguntava alguma coisa, me dizia: “experimenta.” Eu tinha um quarto de experiências, todo esburacado e queimado, de tanta coisa que eu experimentava lá. Ele e minha bisavó não tinham pretensões e me ensinaram a ficar à vontade diante da dúvida e do encantamento.

Hoje, com meus quase 60 anos, eu me sinto no São Vicente vivendo essa mesma experiência de criança. Aqui, eu me pergunto uma série de coisas e me encanto com as respostas. As respostas aqui não estão prontas. São buscadas no dia a dia. Isso é o de que mais gosto no São Vicente, esta liberdade que temos de não dar respostas prontas às perguntas, mas de construí-las em conjunto. Para mim é isso o que mantém a gente vivo, esta eterna capacidade de questionar e este eterno encantar-se com as respostas que surgem.



Aniversário do Colégio São Vicente de Paulo

No dia 25 de março foram comemorados os 53 anos do Colégio São Vicente de Paulo. A celebração aconteceu no auditório, na presença da Comunidade Vicentina, com a participação de Coordenadores, Ex-Professores, Funcionários e suas Famílias, Convidados e Representante do Grupo Religioso. A Cerimônia foi celebrada por Pe. Lauro, Pe. Geraldo Barbosa, Pe. Agnaldo, Pe. Emanuel e Pe. Eduardo. Ao final, Pe. Lauro homenageou Marlene Bluhn e Cristina Caldas - por muitos anos funcionárias do Colégio.

Nos dias 29 e 30 de março as comemorações continuaram, agora juntando Alunos, Funcionários e Professores durante os recreios para um lanche coletivo. Ainda em homenagem ao Colégio, nos dias 29, 30 e 31 de março o Coral do São Vicente Ensino Médio apresentou seu show "Singing in the SVEM", com regência de Patrícia Costa.



Palestra Enfermaria do Riso

O objetivo da visita foi de conhecimento de mais uma área de atuação do teatro dentro da sociedade.

Além de divertir, o teatro também pode ser uma forma de intervenção na realidade.

A visita foi motivada pelo tema da Campanha da Fraternidade, que convida toda a sociedade a refletir e a agir no sentido de melhorar a questão da saúde em nosso país.

A iniciativa da "Enfermaria do Riso" prova que sempre podemos agir e ajudar a transformar.

Ana Brasil – Professora de Teatro

Show: Mulher – Canta e Encanta

Em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, o **Coro feminino adulto São Vozes**, apresentou-se no auditório do Colégio para Alunos e Professores da EJA - Educação de Jovens e Adultos. O repertório versava sobre a mulher e o amor segundo o enfoque de várias épocas, desde a década de 40 até os dias de hoje. Rita Lee, Braguinha, Caymmi, Edu Krieger foram alguns dos compositores apresentados com muita alegria e graça pelas nossas coralistas.

Malu Cooper

Regente do Coro Feminino Adulto



Manhã literária

O último dia 5 de maio amanheceu com uma linda manhã de sol! Foi debaixo de um céu azul que aconteceu a 12ª Manhã das Letras, Livros e Leituras na Quadrinha da Sala de Artes.

Homenageamos Villa-Lobos e os Irmãos Grimm, tivemos uma Oficina Criativa com o pessoal da Hilda e seu Heureka Ateliê e uma história cantada com a Beatriz Bessa e o Maurice Assis. Cris, com a Feira de Livros da Entretexo Kids, e o Café Literário na Cantina Natural também fizeram sucesso! Agradeço a todos que fizeram a nossa Manhã de sábado mais bonita. E até o ano que vem!

Forte abraço,

Mônica Albertino



Missa de Páscoa e Missa das Mães

As missas de comemoração da Páscoa e do Dia das Mães aconteceram com o capricho habitual do Pe. Lauro e da equipe do serviço religioso, que prepara cada festa. Cada dia, uma coisa especial. Na Páscoa, os Corais levaram todos a cantar os mesmos textos, animando a participação, todos num só pensamento. Na Missa das Mães, a presença das Crianças do 2º Ano, que faziam os gestos litúrgicos, acompanhando os celebrantes, comoveu os Pais, Mães, Avós e os Irmãos, especialmente quando lhes levaram a paz nas mãos unidas, como fazemos ao passar o anel maravilhoso nas brincadeiras. E no Dia das Mães ainda houve o brinde da APM, simpático e disputado, pulseiras de fino gosto artesanal. (Agora, é esperar pelo dos Pais, em agosto). Para as Mães, houve boa presença, com os Pais do 2º Ano e os dos Alunos da Primeira Eucaristia. Sempre esperamos mais gente!



Caminhada no Forte do Leme

De olho na saúde e na qualidade de vida de seus Alunos, a Coordenação de Educação Física organizou para os 4º e 5º anos do EF uma Caminhada Ecológica no Forte do Leme. O evento, que aconteceu em dois sábados, dias 10 e 17 de março, contou com a participação de muitos Pais e a supervisão dos Professores de Educação Física Daniela Cordeiro (5º ano) e Igor Albuquerque (4º ano).



Churrasco dos Terceiranistas de 2011

A APM convidou para um churrasco o 3º Ano de 2011, a juventude bonita e carinhosa que deixou saudades, hoje dispersa em faculdades de todo tipo. Esta reunião tem um objetivo preciso e precioso, guardado a sete chaves, de tão secreto!

Desejamos mostrar que o Colégio está de portas abertas e os espera sempre. A mais de um, Pe. Lauro pediu que mandasse seu currículo, que teremos o maior gosto em contratar os recém-formados, se Professores de nossas disciplinas.

A festa começou às 13 horas, no sábado 19 de maio. Pe. Lauro iniciou a Missa de Ação de Graças, com a presença estatística de um Aluno, uma Mãe, uma Orientadora, uma Professora e o José Eduardo, da COMPASSO, que animou os cantos com o violão. Depois vieram mais 4 Alunos e 7 Alunas e outra Mãe.

Para o churrasco, foram chegando os 77 que haviam confirmado sua presença, mais dois Professores e a Coordenadora Cristina Caldas, muito festejada em seu retorno ao meio deles. Cada um era acolhido com abraço carinhoso, brincadeiras e viva saudade. Alguns não se viam desde dezembro. Viram a pintura dos muros, queriam notícias do Grêmio, saber das novidades do Ensino Médio, se o Colégio continua bom e bonito.

Tudo andou caprichado: o ameno da tarde limpa, depois de 7 dias de chuva, a música, a comida, a bebida variada, o sorvete, a banana assada com canela, tudo nota dez. Uma hora de aperitivos, depois as carnes fartas (até para quem chegou já de noite). As duas horas finais, de pura curtidão, o *videokê* animadíssimo. Cantou até quem nunca. Os *banners* que a APM fez das três turmas, sorteados no fim da festa, saíram para a Viviane (3º A), o Caio (3º B) e o Luca Romano (3º C).

Anoitecia e todos ainda presos, imantados, para sempre ligados ao Colégio. Esperamos vê-los novamente, quando lançarmos a Associação dos Ex-Alunos e os chamarmos um a um. Então, sim, não faltem!

Sétimo Encontro Regional da Família Vicentina

Chegaram mais de 500, da grande Família ligada a São Vicente, padroeiro do Colégio e fundador das Voluntárias da Caridade, dos Padres e Irmãos da Congregação da Missão e das Filhas da Caridade, inspirador da Juventude Mariana, dos Missionários Leigos e da Sociedade de São Vicente de Paulo, gente esforçada que busca justiça e defende a dignidade e os direitos dos mais abandonados.

No 3º domingo de maio, se inscrevem, recebem os crachás, tomam café e vão para a missa, na quadra coberta. Dia 20, celebrava-se a Ascensão do Senhor e Pe. Lauro repetiu a mensagem dos Anjos aos Apóstolos: Nada de ficar olhando para o céu, achando bonito o triunfo de Cristo e sua glorificação: agora é ir para casa, o emprego, a fila, a praia, a praça, o jogo, o bar, a escola, e testemunhar a ressurreição de Cristo e seu senhorio em nossa vida, mostrar que ele guia e ajuda o que fazemos para mudar o mundo.

Após a missa, os Pes. Agnaldo e Emanuel e a Ir. Risomar fizeram palestras para adultos, jovens e crianças: o que é ser vicentino e como cumprir sua missão no trabalho, na família, na escola, na sociedade.

Não faltou almoço para ninguém, como sabem os que trabalham com os Pobres e os assistem. Depois do sorvete, um sorteio de brindes não acabava nunca, tanta esperança acesa! De tarde, houve oficinas de coisas úteis, que confortam, geram renda, dignificam o tempo e enriquecem o espírito: houve cinema (o filme RIO), teatro, música, reciclagem e uma oficina própria para a terceira idade (uma delas não funcionou, de tanto idoso que foi ver o filme!).

Agradecendo aos voluntários que os ajudaram, se despediram, levando para casa, mais forte e vivo, o espírito de São Vicente e os endereços, os telefones e e-mails dos companheiros de luta e missão. Até o próximo encontro, o oitavo!



MARLENE NA FEIRA DE LINGUAGEM DE 2006

Marlene Bluhm

A revista A Chama homenageia a Professora do primeiro ciclo do Ensino Fundamental e Coordenadora Marlene Bluhm, falecida em dezembro último, em Teresópolis. Com uma das mais longas carreiras no São Vicente, Marlene entrou no Colégio em 1961 e o deixou em 2006, para se aposentar. Ao longo dos anos, trabalhou na preparação de Alunos e Alunas que fariam a Primeira Comunhão e cuidou de diversas atividades extraclasse. Marlene sempre será lembrada no Colégio com carinho.

Recordar a Marla é uma grande alegria, mas o coração aperta com uma imensa saudade. Cada dia vivido ao lado dela alimentava a minha amizade e admiração por uma pessoa sensível e tão simples. Marla, uma profissional competente leal amiga e com personalidade muito forte.

Relembrar a vibração da Marla preparando a semana de convivência, cuidando dos mínimos detalhes, recebendo os Pais novos e os nossos lindos Pequeninos nos dando um trabalho infernal, é, no mínimo, inesquecível. E a proteção e segurança que nos dava? Sob a sua coordenação éramos intocáveis, mas, dentro da sala dela, ui, a bronca vinha forte, sempre amiga e fazendo com crescêssemos.

Gosto muito de recordar também os momentos que eram constantes em que ela perdia as chaves, o envelope com dinheiro, os documentos, os remédios. Ficávamos fazendo com que ela lembrasse onde tinha colocado. Achávamos nos lugares mais absurdos; era um dramalhão até achá-los, mas divertido. O ar teatral ao narrar um acontecimento era ímpar, nos divertia e prendia nossa atenção: era uma artista.

Marla querida, você não nos deixou. Em cada espaço, aqui no Colégio, ainda guardamos de alguma maneira suas lembranças e, se olharmos para o céu, veremos uma estrela bem gordinha com luz divina piscando para nós. Marla, você deixou muita saudade.

Profª Edna Gonçalves Cardozo

Sempre Viva

Lembrar Marlene Bluhm é recordar vários momentos de muito carinho, muito amor ao que se propunha fazer.

O início de nosso longo trajeto no São Viça foi quando ela era Professora de turma e esteve nas aulas de Matemática Moderna que administrei para a equipe do antigo Primário.

Acompanhei o seu zelo, seu cuidado na preparação dos Alunos para a Primeira Eucaristia, quando assumi a Coordenação de todo o 1º Grau, junto com Alcides Tedesco.

Marla também foi nossa Coordenadora das atividades extraclasse do 1º segmento do 1º Grau, quando organizou inúmeros eventos, sempre com seu extremo cuidado.

No primeiro mandato do Pe. Lauro, assumi a Coordenação dos "Pequenos" (1ª e 2ª Séries); Marlene tinha terminado a Pedagogia com muito brilho, foi oradora da turma. Fez concurso para o Estado e começou a supervisão numa Escola próxima do Maracanã.

Na despedida do Pe. Lauro, quando ele foi para Roma, lembro de ela ter organizado o "adeus" das Crianças, na sacada do 1º andar, como sempre, com muito amor.

Marla atuou durante muito tempo como Guia de Turismo e acompanhou vários grupos de Alunos para o exterior. Quando soube de minha primeira viagem (que seria no Ano Santo de 2000, com o Pe. Almeida de guia do grupo), com sua competência e muito carinho, preparou um caderno/guia para a viagem, que acabei fazendo com meu marido com outro grupo.

A irmã da Marlene, Vera Mainhard, também trabalhou no São Vicente. Seus Filhos foram nossos Alunos e atualmente uma Neta, Marina, cursa o nosso 7º ano.

As palestras da Marlene para os Pequenos também foram marcantes. A preparação da Convivência para a seleção dos Alunos novos foi outro ponto alto de sua coordenação.

Quem permanece na nossa lembrança, no nosso coração, continua sempre VIVA.

Solange Gonçalves Borba

À Direção do Colégio São Vicente de Paulo

A/C Pe. Lauro

É comum observar em nosso dia a dia a imponente de várias reclamações e mais diversas formas de chamar atenção por nossos desagradados, incômodos e insatisfações, mas raramente lembramos de agradecer ou de nos dirigir às pessoas para dizer o quanto elas foram importantes, gentis, competentes, entre outros atributos positivos para nós. Este é o motivo das palavras que se seguem.

Somos pais de uma recém-chegada à escola no ano de 2011, da aluna Mariana Stampa H. Vidal, da turma 603, e gostaríamos de agradecer nossa acolhida por esta Instituição de ensino, pelos novos rumos, pelas possibilidades alcançadas e pelas experiências durante o ano.

Estamos concluindo 2011, observando nossa filha muito feliz, envolvida no processo pedagógico em geral, adaptada (até demais), “vestindo” literalmente a camisa da escola. Pudemos constatar isso em seu envolvimento, no crescimento e nos resultados nas atividades em geral, nas aulas de Teatro da dedicada Joana, na euforia na participação e narração de vários eventos, na inesquecível viagem ao Caraça, nas feiras, em nossa presença em várias “madrugadas” de sábados de olimpíadas (pois ela se inscreveu em quase todas as modalidades). É bom lembrar o Domingo, as palestras, os mutirões, bem como a sua simplicidade como Diretor até mesmo quando revelou estar se sentindo “nitrito de quase nada” após um comentário, no mínimo desleigante mas democrático, como é a marca desta escola, de uma pessoa presente em umas das palestras ministradas na escola, lembra?

Foi notório observar a responsabilidade de toda a Equipe de Professores, com reuniões que demonstraram coerência em ações e palavras. No nosso caso, cabe um agradecimento

especial, pois por sermos “novos” na escola, muitas vezes recorri ao telefone para algumas dúvidas, checagens e demais esclarecimentos, sendo sempre atendida com muita cordialidade, simpatia, dedicação e retorno imediato pela orientadora Cordélia em sua parceria com Solange. Uma boa combinação de competência.

Concluindo, desejamos um excelente 2012 e que todos tenham um excelente Natal, contando sempre com nossa parceria e alegria em fazer parte da Família São Vicente de Paulo.

Mariângela Stampa
e Paulo H. Vidal

Prezada D. Mariângela, muitíssimo obrigado por sua mensagem sobre o ano letivo de sua Menina em nosso Colégio. Quero crer que terá sido um ano feliz para todos nós, sua Família e nós, que pudemos trabalhar ajudando a Mariana. Fiz uma cópia imediatamente para a Solange, para que a passe para seus Professores e Professoras. De fato, como a senhora escreveu, muitas vezes recebemos cartas de reclamações e as de agradecimentos são muito mais raras. E, por isso, quando chegam, nos trazem muita alegria e realização.

Isso nos anima a continuar em nossos esforços e em nossa luta de cada dia. Agradeço, de coração, sua bondade.

Nossos melhores votos para o seu Natal e o de sua querida Família e para todo o ano novo.

**Rio de Janeiro,
13 de dezembro de 2011
Pe. Lauro Palú, C. M.**



Padre Lauro, sou mãe da Ana Luiza Xavier Manhães, aluna nova, da turma 603. Viemos de Minas Gerais no fim do ano passado, por conta da minha convocação no TRT, como técnica judiciária.

Estamos reconstruindo nossos laços familiares. Acabamos de nos instalar aqui, do outro lado da rua Cosme Velho, e escolhemos o São Vicente por ser o mais próximo de casa. Mas já estou certa de que iremos muito além disso. Onde não há coincidência, atua a divina Providência.

Quero fazer parte da vida do Colégio assim como quero que façam parte de nossas vidas. Quero concordar com suas palavras e ajudar a transformar essa sociedade doente. Muitos de meus alunos, adultos, chegam à faculdade sem qualquer noção de organização social e política, de conceitos éticos, de seu papel na sociedade, de exercer direitos básicos, enfim, do que é ser cidadão.

Quero me colocar à disposição do colégio para propor a inserção de palestras, debates ou qualquer outro tipo de diálogo que nos devolva a oportunidade de levar aos futuros governantes desse país um pensamento crítico e a consciência social e política, tão importantes em qualquer sociedade. Quem sabe esta seja minha verdadeira missão.

Nosso papel, como educadores, certamente nos consome mais do que três ou quatro palavras. Nossa jornada não pode ser de oito horas diárias: deve ser constante, ininterrupta! Mas acredito que nosso resultado será gratificante e transformador!

Contem comigo!

Adriana Xavier
Agente da Propriedade Industrial

Projetos apoiados pela APM

Arquivo



Acervo Bibliográfico



Acervo Audiovisual



Caixa de Abelhas



Ciranda de Livros



Corais Juvenis



Coral Infantil Loas e Luas



Corte e Costura



Educação Física



Revista A Chama



Teatro



Voluntárias da Caridade



COMO SE FAZ UM PAVÃO?

Isso nunca foi um problema para Deus. Quando Deus quer criar uma coisa, pensa no bonito que vai ser, e pronto, está feita, inimaginável, imprevisível, inesquecível, surpreendente, definitiva. Mark Twain escreveu: “Deus não fez nada inútil, mas no mosquito passou raspando...” Olhando o pavão, podemos pensar: “Deus não fez nada exagerado, mas no pavão passou raspando”.

Pois foi isto mesmo que os Anjos pensaram, quando Deus estava criando os bichos. Viram as cobras e pensaram com suas asas: “Nunca vai inventar nada mais bonito que as cobras”. Aí Deus criou o cavalo. E eles tiveram que pensar com suas asas: “A gente nem imaginava como este Deus é sabido, puxa vida!” E os cavalos corriam, corriam e ficavam lá na frente esperando os ventos que ainda iam chegar depois deles...

Aí Deus criou as crianças e aí sim os Anjos se embasbacaram, definitivamente. Os Anjos adoraram em silêncio e cada um pensou, que nem as asas os ouvissem: “Agora sim chegou, Deus não tem mais nada que inventar!”

E Deus com o ar mais distraído fez um pavão, dos azuis, ainda nem tinha chegado ao verde e ao branco, e os Anjos sem ter o que dizer, todos de boca aberta, babando de gozo e de inveja. E Deus então, piscando matreiro, ainda inventou aquela peninha azul como assinatura dele na testa do pavão.

Pe. Lauro Palú, C. M.

